

UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA
PROGRAMA DE POS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO FÍSICA

MÔNICA RODRIGUES MAIA DE ANDRADE

Prevalência de Insatisfação Corporal em escolares de
Juiz de Fora – MG

Juiz de Fora
2009

MÔNICA RODRIGUES MAIA DE ANDRADE

**Prevalência de Insatisfação Corporal em escolares de
Juiz de Fora – MG**

Dissertação apresentada à Universidade Federal de Juiz de Fora/Universidade Federal de Viçosa, como requisito parcial para a obtenção do Título de Mestre em Educação Física, Área de Concentração: Educação Física.

Linha de Pesquisa: Aspectos socioculturais do movimento humano.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Maria Elisa Caputo Ferreira

Juiz de Fora
2009

**Prevalência de Insatisfação Corporal em escolares de
Juiz de Fora – MG**

MÔNICA RODRIGUES MAIA DE ANDRADE

ORIENTADOR (A): Profa. Dra. Maria Elisa Caputo Ferreira

Dissertação de Mestrado submetida ao Programa de Pós-Graduação em Educação Física, da Universidade Federal de Juiz de Fora – UFJF em parceria com a Universidade Federal de Viçosa (UFV), como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Mestre em Educação Física.

Aprovada em ____/____/____

Profa. Dra. Vera Lucia de Menezes Costa
Universidade Gama Filho - UGF

Profa. Dra. Edna Ribeiro Hernandez Martin
Universidade Federal de Juiz de Fora - UFJF

Profa. Dra. Maria Elisa Caputo Ferreira
Universidade Federal de Juiz de Fora - UFJF

A você Antônio, todo o meu amor!

AGRADECIMENTOS

A Deus, por guiar meus passos, pelo seu amor indescritível e por nunca me deixar.

À querida orientadora Prof^a. Maria Elisa, pelos inúmeros ensinamentos acadêmicos e, sobretudo, pelos ensinamentos sobre a vida.

Ao Antônio, quem conferiu meu maior título - o de mãe. Por me fazer experimentar os melhores sentimentos do mundo e ser a luz da minha vida, minha maior inspiração. Seu sorriso e sua pureza me fazem querer ser sempre uma pessoa melhor.

Ao Fabrício, meu grande amor, por ser quem é. Por ter proporcionado o maior presente da minha vida e dividir comigo a alegria de ver o sorriso brotar no rostinho do nosso filho;

Àqueles a quem devo tanto: meus pais – Márcia e Marcio. Que desde cedo me encorajaram na busca pelo conhecimento. Que tanto renunciaram, lutaram e se empenharam para que esse dia chegasse. Agradeço pelo amor e apoio incondicional.

Às minhas irmãs queridas – Lílian e Aline - que de um modo ou outro sempre estiveram presentes.

À minha querida irmã Raphaely, pelo apoio na coleta de dados e por sua amizade.

Ao meu amado sobrinho João.

À Fátima, pessoa admirável, mãe do coração. Aquela com quem sempre posso contar.

Aos meus avós, cunhados, tios e primos, em especial à Donana e ao Maurício (*in memorian*) – presença latente em meu coração.

À minha grande amiga Fabiane, pela riqueza de suas reflexões e por ressignificar o sentido da amizade em minha vida.

Aos amigos de ontem e de hoje – de sempre!

À querida amiga Thaís Zuchi e ao Marco Aurélio Zuchi, pela contribuição na elaboração do plano amostral.

Às bolsistas de iniciação científica: Ana Carolina Soares Amaral - pela imensurável ajuda em todas as etapas do trabalho - e à Maysa Andrade - companheira na tabulação dos dados;

A você, que empurrou o carrinho, deu comidinha, segurou “só um pouquinho” ou brincou com meu filho enquanto eu escrevia e tinha orientações, que me ofereceu uma palavra de incentivo nos momentos mais delicados. A você que torceu para que este dia chegasse... Minha sincera gratidão!

Às escolas e, sobretudo, aos jovens participantes deste estudo, pela confiança de falarem sobre seus sentimentos.

Ando devagar porque já tive pressa
E levo esse sorriso, porque já chorei demais
Hoje me sinto mais forte, mais feliz quem sabe
Eu só levo a certeza de que muito pouco eu sei, eu nada sei
Conhecer as manhãs e as manhas, o sabor das massas e das maçãs,
É preciso o amor pra poder pulsar, é preciso paz pra poder sorrir, é preciso a
chuva para florir.
Penso que cumprir a vida seja simplesmente
Compreender a marcha, e ir tocando em frente
Como um velho boiadeiro levando a boiada,
Eu vou tocando os dias pela longa estrada eu vou,
Estrada eu sou
Todo mundo ama um dia, todo mundo chora,
Um dia a gente chega, no outro vai embora
Cada um de nós compõe a sua história,
**E cada ser em si, carrega o dom de ser capaz,
De ser feliz**
Ando devagar porque já tive pressa
E levo esse sorriso porque já chorei demais...

(Almir Sater e Renato Teixeira)

RESUMO

O presente estudo, do tipo epidemiológico, foi desenvolvido com o objetivo de identificar a prevalência de insatisfação corporal junto aos estudantes do Ensino Médio do município de Juiz de Fora – MG. Para tanto, contou com uma amostra de 378 alunos de ambos os sexos, com idade entre 15 e 18 anos, matriculados e freqüentes nas escolas, públicas e particulares deste município no ano de 2008. A estratificação da amostra foi realizada de acordo com as características da população absoluta. Quanto ao tipo de escola, 246 alunos pertenciam à rede pública e 132 à rede privada de ensino (65% e 35% do total da amostra, respectivamente). Em relação ao sexo dos participantes, 203 eram meninas e 175 meninos. Para dimensionar a insatisfação com a imagem corporal os adolescentes foram submetidos a um questionário de auto-resposta, denominado *Body Shape Questionnaire* (BSQ). O instrumento de pesquisa, validado para o Brasil por Di Pietro (2002), é composto por 34 questões que se referem aos sentimentos e atitudes destes jovens em relação aos seus corpos nas últimas quatro semanas. Os resultados foram digitados em sistema de banco de dados que permitiu a utilização de software para cálculos estatísticos (SPSS v.16.0 *for Windows*). O *Test T*, com nível de significância de 95% ($p < 0,05$), foi utilizado a fim de se verificar a existência de diferenças estatisticamente significativas. A interpretação dos dados buscou analisá-los de forma estatística e descritiva. Os resultados demonstraram existir maior insatisfação com o corpo entre as meninas, em especial aquelas estudantes de escolas particulares (25,4%), quando comparadas às alunas das escolas públicas (13%) e aos meninos das escolas particulares (6,2%) e públicas (1,8%). A insatisfação com o corpo também demonstrou ter relação com a prática de atividades físicas. Os adolescentes sedentários mostraram-se mais insatisfeitos com seus corpos (12,8%) do que os praticantes de atividades físicas (9,3%). Porém, quando analisada junto à variável sexo, verificou-se que entre as meninas a prática de atividades físicas é motivo para o aumento da preocupação com a imagem corporal (21% das praticantes e 15,7% das não praticantes de atividades físicas são insatisfeitas com seus corpos). Ressaltam-se níveis bastante preocupantes de insatisfação com a imagem corporal em alunos sedentários estudantes da rede particular (10% dos alunos gravemente insatisfeitos com seus corpos), atingindo níveis de insatisfação comumente observada em indivíduos com transtornos alimentares.

Palavras Chave: Educação Física. Adolescência. Imagem Corporal.

ABSTRACT

This epidemiological study was carried out with the objective of identifying the prevalence of body dissatisfaction among high school students in the city of Juiz de Fora, MG, Brazil. A sample of 378 students of both sexes aged 15-18 who attended public and private schools in the city in the year of 2008. The sample stratification was performed according to the characteristics of the absolute population. As for the type of school, 246 students attended public schools while 132 attended private ones (65% and 35% of the total sample, respectively). Regarding the sex of the participants, 203 were girls and 175 were boys. In order to measure the dissatisfaction with body image, the teenagers were submitted to a self-administered questionnaire called *Body Shape Questionnaire* (BSQ). The evaluation tool, validated for Brazil by Di Pietro (2002), is composed of 34 questions referring to the feelings and attitudes of these teenagers regarding their bodies in the last four weeks. The results were added to a database and a software was used to the statistical calculations (SPSS v.16.0 for Windows). The T Test, with a significance level of 95% ($p < 0.05$), was used to verify the existence of statistically significant differences. Data were interpreted both statistically and descriptively. The results show there is higher dissatisfaction with their bodies among the girls, specially those from private schools (25.4%) when compared to the girls attending public school (13%), and to the boys from private schools (6.2%) and the boys from public ones (1.8%). Body dissatisfaction was shown to be related to the practice of physical activities. Sedentary teenagers were more dissatisfied with their bodies (12.8%) than those who practice physical activities (9.3%). However, when analyzing the sex variable, it was found that among the girls the practice of physical activities is a reason for the increase of preoccupation with body image (21% of those who practice physical activities and 15.7% of those who do not are dissatisfied with their bodies). The very high levels of body image dissatisfaction among sedentary students from private school are worrying (10% of the severely dissatisfied with their bodies) since this level is commonly observed in people with eating disorders.

Key-words: Physical Education. Adolescence. Body Image.

LISTA DE TABELAS

Tabela 1	Distribuição da população do município em função da idade e sexo.....	54
Tabela 2	Distribuição de docentes, escolas e matrículas por nível de escolaridade.....	55
Tabela 3	Resumo da tabela do Censo Escolar 2006.....	55
Tabela 4	Distribuição percentual dos alunos do ensino médio de Juiz de Fora por série e por sexo.....	56
Tabela 5	Tabela de Udinsky - amostra necessária em relação aos universos.....	57
Tabela 6	Comparação entre os números relativos à população e à amostra.....	58
Tabela 7	Interpretação do BSQ.....	62
Tabela 8	Distribuição das médias dos escores em função das variáveis estudadas.....	65
Tabela 9	Distribuição percentual geral a partir dos escores dos participantes.....	67
Tabela 10	Distribuição dos percentuais em função da prática de atividades físicas.....	69
Tabela 11	Distribuição dos percentuais em função da prática de atividades físicas e do sexo.....	71
Tabela 12	Distribuição dos percentuais em função da prática de atividades físicas e do tipo de escola.....	72
Tabela 13	Distribuição dos percentuais em função da prática de atividades físicas, sexo e tipo de escola.....	73
Tabela 14	Distribuição dos percentuais em função do sexo dos participantes.....	75
Tabela 15	Distribuição dos percentuais em função do tipo de escola dos participantes.....	76
Tabela 16	Distribuição dos percentuais em função do tipo de escola e sexo dos participantes.....	78

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

BSQ	<i>Body Shape Questionnaire</i>
CEP	Comitê de Ética em Pesquisa
DA	Dependência Administrativa
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
INEP	Instituto Nacional de Pesquisa em Educação
JF	Juiz de Fora
MEC	Ministério da Educação
MG	Minas Gerais
OMS	Organização Mundial de Saúde
PIBIC	Programa de Bolsa de Iniciação Científica
SISNEP	Sistema Nacional de Ética em Pesquisa
SRE/JF	Secretaria Regional de Ensino / Juiz de Fora
UFJF	Universidade Federal de Juiz de Fora

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	14
2. PROBLEMATIZAÇÃO	18
2.1 OBJETIVOS.....	20
2.2 JUSTIFICATIVA E RELEVÂNCIA.....	20
3. REFERENCIAL TEÓRICO	22
3.1 CORPO E CULTURA.....	22
3.2 IMAGEM CORPORAL.....	35
3.3 ADOLESCÊNCIA.....	44
4. METODOLOGIA	52
4.1 DELINEAMENTO DO ESTUDO.....	53
4.2 LOCAL.....	53
4.3 POPULAÇÃO E AMOSTRA.....	53
4.3.1 Plano Amostral	56
4.3.2 Pulverização da Amostra	58
4.4 INSTRUMENTO.....	59
4.5 COLETA DE DADOS	60
4.5.1 Procedimentos éticos	60
4.5.2 Procedimentos para a coleta dos dados	61
4.6 VARIÁVEIS DO ESTUDO	62
4.7 TRATAMENTO DOS DADOS.....	62
5. ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS	64
5.1 ANÁLISE SEGUNDO A MÉDIA DOS ESCORES.....	64
5.2 ANÁLISE SEGUNDO A DISTRIBUIÇÃO PERCENTUAL DOS ESCORES.....	66
5.2.1 Prática de Atividades Físicas	68
5.2.2 Prática de Atividades Físicas X Sexo	70
5.2.3 Prática de Atividades Físicas X Tipo de Escola	72
5.2.4 Prática de Atividades Físicas X Sexo X Tipo de Escola	73
5.2.5 Sexo	75
5.2.6 Tipo de Escola	76

5.2.7 Sexo X Tipo de Escola.....	77
5.3 RANKING DAS QUESTÕES DE MAIORES E MENORES MÉDIAS.....	79
5.4 FREQUENCIA RELATIVA DAS RESPOSTAS DOS PARTICIPANTES POR QUESTÃO DO BSQ.....	80
6. CONCLUSÃO.....	90
REFERÊNCIAS.....	93
ANEXOS.....	103

INTRODUÇÃO

A inspiração para este trabalho partiu de observações e reflexões ao longo de minha experiência acadêmica e profissional. Observo que a busca para enquadrar-se em um determinado padrão corporal é visível na história da humanidade, pois a cultura possui especial relevância na interferência deste padrão. Hoje, porém, parece que esta influência cultural transformou-se em ditadura e isto não é diferente na população adolescente. Muitas vezes, esta busca parece estar dissociada das consequências, na medida em que o importante é sentir-se de acordo com o padrão de corpo que a sociedade determina e privilegia.

Na medida em que o corpo desejado, para a maioria das pessoas, é algo não raramente inalcançável, surgem os meios mais variados para conquistá-lo. Tão logo o adolescente ou o jovem percebe que o corpo que eles consideram como padrão a ser atingido está longe do seu alcance, surge então a condição favorável para o aparecimento de transtornos psíquicos, tais como depressão, bulimia, anorexia, dismorfia muscular, entre outros. (NUNES et al, 2001; STICE et al, 2000).

A gravidade deste problema deu origem a um número expressivo de pesquisas envolvendo o estudo da imagem corporal de adolescentes em diversas áreas do conhecimento científico. Isso ocorre, pois vem se percebendo que esta é, talvez, a faixa etária mais susceptível às influências da cultura, principalmente no que se refere à busca frenética e inconseqüente do corpo ditado como ideal.

Percebe-se, porém, lacunas a serem preenchidas na formulação de respostas a estas questões. Dentre elas, destaca-se a escassez, no contexto nacional, de pesquisas em Educação e Educação Física que privilegiem a população adolescente, levando em conta grandes populações. Estes estudos demonstram-se imprescindíveis no desenvolvimento de políticas públicas capazes de interferir de maneira produtiva na realidade pesquisada.

Desta maneira, o esforço empreendido neste trabalho consistiu em verificar a prevalência de insatisfação corporal junto aos estudantes do Ensino Médio da cidade de Juiz de Fora (MG). O estudo foi desenvolvido em duas dimensões: análise do referencial teórico e pesquisa de campo.

A primeira dimensão utilizou-se do referencial teórico da Antropologia Social como fundamentação para uma compreensão aprofundada de um tema tão complexo. Assim, o estudo das questões relativas à corporeidade, educação, adolescência e diversidade cultural foi possível através de um olhar voltado para o rompimento das tradicionais amarras teórico-metodológicas.

A segunda dimensão do estudo, ou seja, a pesquisa de campo foi realizada a partir de uma abordagem de estudo com características epidemiológicas. Segundo Castro (2004, p.36), este tipo de estudo se limita “à observação de uma determinada população, não envolvendo nenhuma intervenção nos indivíduos estudados”. Dessa maneira, optou-se por este tipo de abordagem para coleta dos dados quantitativos e decidiu-se pela complementação a partir da análise descritiva dos resultados do estudo. De acordo com Pereira (1995), os estudos epidemiológicos com abordagem descritiva e transversal permitem informar sobre a distribuição de um evento na população, em termos quantitativos, a prevalência da questão investigada para aquela determinada população.

Sendo assim, a pesquisa foi desenvolvida mediante um corte transversal da população de adolescentes de ambos os sexos, que se encontravam regularmente matriculados e freqüentando as escolas de ensino médio, tanto particulares quanto públicas, da cidade de Juiz de Fora (MG).

Os adolescentes foram submetidos a um questionário de auto-resposta denominado *Body Shape Questionnaire* (BSQ). Este instrumento conta com 34 questões referentes ao estado dos entrevistados nas últimas quatro semanas. Dessa forma, o BSQ objetiva mensurar as preocupações e a satisfação com a forma do corpo. Foi elaborado originalmente por Cooper et al. em 1987 e validado para uma população de universitários brasileiros por Di Pietro (2002), mantendo as características da escala original.

Nesta pesquisa, o estudo das variáveis foi realizado inicialmente de maneira descritiva e posteriormente, através de técnicas estatísticas. O *Test T*, com nível de significância de 95% ($p < 0,05$), foi utilizado a fim de se verificar a existência de diferenças estatisticamente significativas. A interpretação dos dados se deu de forma a analisá-los estatisticamente, além de abordá-los de maneira descritiva.

Desta maneira foi possível unir o “olhar Antropológico”, que embasa o referencial teórico deste estudo a uma pesquisa que envolve uma população tão numerosa, interpretando os dados a partir deste olhar.

O desafio, portanto, consistiu em identificar, apreender e compreender as representações e relações desenvolvidas pelos jovens estudantes com o próprio corpo. Estes jovens eram alunos do Ensino Médio na cidade de Juiz de Fora - MG. Estas reflexões foram realizadas a partir de uma abordagem mista de pesquisa, na qual a coleta de dados mostrou-se quantitativa e sua interpretação e fundamentação de forma descritiva.

Para alcançar essa perspectiva de estudo, o trabalho foi dividido em cinco partes: o primeiro capítulo faz referência à problematização do estudo, destacando os objetivos e as questões a serem investigadas e justificando a relevância da pesquisa.

No segundo capítulo apresenta-se um referencial teórico, voltado para questões relacionadas ao corpo, cultura, imagem corporal e adolescência. A primeira parte trata da fundamentação de conceitos relacionados ao tema corpo e cultura, a partir de uma incursão na Antropologia. Esta fundamentação tem como objetivo a sustentação da análise de dados feita posteriormente. Nesta etapa destaca-se a contribuição de autores como Mauss (2003), Geertz (1989) e Daólio (1995) que fazem referência ao corpo a partir de uma compreensão cultural.

A segunda parte, consta da formação dos conceitos relacionados ao tema imagem corporal. Neste momento destaca-se Paul Schilder (1999), grande referência deste tema a difundir o conceito de “multidimensionalidade” e “labilidade” da Imagem Corporal, influenciando definitivamente os estudos desenvolvidos nesta área. Garner e Garfinkel (1981) surgem como ponto fulcral

do trabalho ao tratarem dos conceitos de “distorção corporal” e “insatisfação corporal”, junto a Cash (2004) que define o conceito de “imagem corporal negativa”.

Na terceira parte do segundo capítulo, a questão da adolescência é tratada buscando os conceitos que definem esta fase do desenvolvimento humano, tomando as dimensões psicobiológica, histórica, política, econômica social e cultural, através das contribuições de diversos pesquisadores, tais como: Zagury (1996), Luz (1993), Marques e Cruz (2000), Abramo (1994), Monteiro (1999), Papalia & Olds (2000), Carreia Filho (2005). Assim, torna-se possível posteriormente, traçar o ponto de intercessão com os capítulos anteriores, ou seja, uma abordagem cultural do corpo adolescente e a discussão de questões relativas à Imagem Corporal para este grupo.

O terceiro capítulo trata da abordagem metodológica destinada ao estudo, no qual define-se os instrumentos, técnicas de amostragem, coleta e tratamento dos dados. E no quarto capítulo apresenta-se as informações coletadas, de maneira a descrever a forma como os adolescentes agem e reagem em relação ao seu corpo.

O último capítulo apresenta o somatório dos saberes e conhecimentos apreendidos no desenrolar do estudo. A partir daí é possível realizar algumas considerações a este respeito, visualizando ser possível a construção de alternativas nas quais se aceita a diversidade e, desta maneira, convive-se com ela harmonicamente.

2. PROBLEMATIZAÇÃO

Neste capítulo, pretende-se destacar o problema central do estudo e as questões a serem investigadas, bem como apresentar a justificativa e sua relevância no contexto social.

O eixo dessa investigação consistiu em compreender as representações sociais do corpo e examinar as relações implícitas dentro de um sistema cultural de que é parte. Para isso, tornou-se imprescindível o aprofundamento nas questões relacionadas ao corpo, cultura e diversidade cultural. Silva, Júnior e Miller (2004, p.03) sugerem o “aprofundamento nos estudos sobre Imagem Corporal como sendo necessário para uma atuação profissional segura e qualificada”.

Os enfoques teóricos que ampararam esta pesquisa foram direcionados aos estudos e pesquisadores que buscam na “complexidade”, na “multidimensionalidade” e na “singularidade”, conceitos e reflexões para que a observação das questões relacionadas ao corpo se faça levando em conta uma compreensão cultural. Assim, tornou-se possível tomar como base nesta abordagem, o referencial adotado a partir da perspectiva da Antropologia Social.

Desta forma, buscou-se nesta investigação apreender e interpretar a realidade pesquisada. Pretendeu-se apresentar como contribuição um olhar mais profundo a respeito deste tema em relação aos adolescentes, por parte não apenas dos profissionais de Educação Física, mas para todos os envolvidos no processo educacional.

A sociedade moderna passa por um momento de diversificação de valores jamais visto anteriormente. Nesta “nova” construção de valores, a beleza, a juventude, a produtividade e a velocidade destacam-se como meios de estratificar os seres humanos. As inúmeras modificações têm reflexo direto nas relações que os indivíduos estabelecem consigo mesmos e com os outros.

Deste modo, quando se pretende mergulhar nas questões relacionadas ao corpo e à diversidade, neste momento histórico, faz-se necessário o rompimento

com algumas amarras da ciência tradicional. Assim, o entendimento dos fenômenos sociais exige que a ciência não apenas os observe como eventos autônomos, mas que os compreenda de acordo com o tempo e espaço.

Ferreira (2006, p. 01-02) destaca que as Ciências Sociais contemporâneas têm como ambição “[...] tornar conhecidas as relações de poder envolvidas em determinados processos de socialização.”. Para tanto se faz imprescindível acrescentar “o temporal e o local” já que não é mais possível continuar falando em “leis universais extra-históricas” (PRIGOGINE, 1996, p.25). Portanto, torna-se de suma importância revisar conceitos referentes à sociedade, a cultura, ao indivíduo e a corporeidade.

2.1 OBJETIVOS

A presente pesquisa, realizada no município de Juiz de Fora – MG, teve por objetivo verificar a prevalência de insatisfação corporal junto aos estudantes do Ensino Médio desta cidade.

De acordo com o objetivo geral desta pesquisa, foi possível traçar objetivos específicos afim de investigar várias questões entre a população de adolescentes, dentre os quais:

- Verificar as relações existentes entre as variáveis estudadas (sexo, série, tipo de escola e prática de atividades físicas) e a insatisfação com o próprio corpo;
- Observar quais são os sentimentos e atitudes mais freqüentes entre esses jovens em relação aos seus corpos e aos corpos dos outros;
- Verificar quais das questões do BSQ atingem as maiores e menores médias;
- Analisar a frequência relativa das respostas dadas pelos participantes por questão do BSQ.

2.2 JUSTIFICATIVA E RELEVÂNCIA

Nos últimos anos, a temática Imagem Corporal vem se tornando foco de inúmeras investigações. As pesquisas sobre este assunto enfatizam diversos aspectos deste constructo que vão desde a elaboração, adaptação e validação de instrumentos capazes de verificar questões relacionadas às dimensões da Imagem Corporal, até estudos que buscam compreender as representações de corpo e sua implicação no desenvolvimento da identidade corporal de diversas populações.

Muitos autores têm se dedicado ao estudo das questões acerca da imagem corporal do adolescente (ROSEN, 2003; VILELA, et al, 2004; ANDRADE et al, 2007; AMARAL, et al 2007; ALVES et al, 2008; FERRANDO et al, 2002; RODRIGUES E CRUZ, 2008; CONTI, FRUTUOSO E GAMBARDELLA, 2005; CONTI, 2002 e 2008; BRANCO, HILÁRIO E CINTRA, 2006; FARIA, 2005; PETROSKI; VELHO; BEM, 1999, entre outros).

No entanto, dentre tantos estudos, percebe-se um número escasso de pesquisas que investiguem, entre a população adolescente especificamente, a discussão a respeito da prevalência de insatisfação corporal examinada a partir do contexto escolar. Outra lacuna apontada por estes estudos, refere-se ao fato de que estas pesquisas muitas vezes envolvem um número restrito de jovens ou privilegiam um grupo específico – como o de atletas, mães adolescentes, e outros.

A relevância de um estudo na área educacional com características epidemiológicas apresenta como principal objetivo compreender a ocorrência deste fenômeno examinado em seu contexto cultural para que se possa sugerir políticas públicas educacionais eficazes no tratamento deste tema também no contexto escolar.

Os estudos com características epidemiológicas são imprescindíveis na medida em que possibilitam um olhar que busca apreender e interpretar a realidade pesquisada servindo como base para o desenvolvimento de políticas públicas capazes de interferir positivamente na questão investigada.

Portanto, a essência desta investigação reside no fato de que olhar para esta questão do ponto de vista cultural é condição para que a compreensão se faça de maneira “arqueológica”, como propõe Foucault (2007). Desta maneira parece possível compreender as entrelinhas deste fenômeno que hoje podemos chamar de “epidemia da beleza”.

O aprofundamento neste tema aponta para o fato de que este é um problema ao qual as investigações ainda estão sendo construídas, por isso este trabalho deveria ser entendido como um convite à reflexão em pesquisas que tratem sobre o corpo e a diversidade.

Ao longo deste estudo buscou-se aprofundar os conceitos de “corpo”, “cultura”, “insatisfação”, “imagem”, “imagem corporal” e “adolescência”. Ao enfatizar o corpo como cultural, ator e espectador de um contexto, estabeleceu-se a base para nossas reflexões. Para tanto, os enfoques teóricos que foram utilizados neste trabalho embasaram-se na perspectiva que observa antropologicamente as questões relativas ao corpo.

A adoção do referencial teórico da Antropologia Social foi condição indispensável para a possibilidade de um “novo” olhar para antigas questões. Este olhar antropológico para o corpo, a corporeidade, a educação e a diversidade cultural, temas tratados nas áreas de Educação e Educação Física, contextualiza também o entendimento destas áreas como práticas sociais pedagógicas.

O estudo pretendeu com este enfoque conceituar as questões relacionadas à Imagem Corporal como multifatoriais, tendo a cultura como componente deste constructo no qual se verifica a possibilidade de interferência, especificamente na educação.

No segundo capítulo será apresentado o referencial teórico que embasa esta pesquisa, partindo do estudo do corpo, da imagem corporal e da adolescência.

3. REFERENCIAL TEÓRICO

No presente capítulo buscou-se o referencial teórico da Antropologia Social como fundamentação para uma compreensão aprofundada de um tema tão complexo. Desta forma, tornou-se possível olhar com profundidade as questões relativas à corporeidade, adolescência e diversidade cultural.

3.1 CORPO E CULTURA

Tendo em vista a limitabilidade, parciabilidade e complexidade do conhecimento, buscou-se inicialmente um aprofundamento em alguns conceitos. Desta forma, parte-se da discussão a respeito da nomeada “crise de identidade” tratada por Hall (2001) e Giddens (2002) a partir de seus conceitos a respeito da transformação social.

Marcondes (2002) sugere um novo paradigma “subjetivista”, no qual o sujeito e suas relações posicionam-se como a base desta nova ótica do pensamento científico. No momento em que se evidencia a necessidade de uma nova compreensão do sujeito, observado em sua complexidade, surge Morin (1996). As contribuições deste autor deixam nítida a necessidade do rompimento de alguns paradigmas que compreendem o indivíduo de maneira simplista e cartesiana. Esta “nova” proposta leva a suposição de um indivíduo-sujeito autônomo-dependente, observado em sua complexidade.

Posteriormente, busca-se caracterizar a cultura em que estamos inseridos através das contribuições de Silva (2001), Eco (1993) e Santos (1994), que tratam sobre a “velocidade” - característica marcante e determinante das relações intra e inter pessoais no processo de globalização. Nesta discussão sobre a questão cultural se insere também as colocações de Geertz (1989) com definições e conceitos bastante pertinentes a esta abordagem.

Marcel Mauss (2003), cujas contribuições datam do início do século XX, figura como autor relevante ao estudar o corpo a partir de uma compreensão cultural. Neste momento, suas contribuições se tornam de suma importância para o entendimento e desenvolvimento de conceitos, tidos como base em estudos que se referem ao corpo cultural, no qual se compreende a cultura de maneira ampla e complexa. Em seguida, Rodrigues (1986) e Daólio (1995) vêm afirmar a questão do corpo como instrumento de transmissão de códigos culturais, bem como a normalização da padronização corporal.

Presencia-se hoje nas sociedades modernas¹ uma mudança estrutural, vinda desde o final do século XX, onde se percebe uma verdadeira “crise de identidade”, como nomeia Hall (2001). Esta perda da identidade se dá tanto do ponto de vista social quanto individual. Segundo o autor:

[...] Isso está fragmentando as paisagens culturais de classe, gênero, sexualidade, etnia, raça e nacionalidade, que, no passado nos tinham fornecido sólidas localizações como indivíduos sociais. Estas transformações estão também mudando nossas identidades pessoais, abalando a idéia que temos de nós próprios como sujeitos integrados. Esta perda de um “sentido de si” estável é chamada, algumas vezes, de deslocamento ou descentração de sujeito. Esse duplo deslocamento – descentração dos indivíduos tanto de seu lugar no mundo social e cultural quanto de si mesmos – constitui uma “crise de identidade” para o indivíduo. (HALL, 2001, p.09)

Dessa forma, o sujeito contemporâneo rompe com a “identidade fixa e estável” do sujeito do Iluminismo e apresenta uma “identidade mutável” de acordo com a variabilidade dos sistemas de significações e representações culturais. Assim, a identidade se torna uma “celebração móvel” como coloca Hall (2001, p.13).

Giddens (2002) defende que a mutação constante, rápida e permanente é a principal característica dos sujeitos e das sociedades modernas e ainda enfatiza que:

¹ Utiliza-se este termo, bem como o termo modernidade, referindo ao entendimento explicitado por Giddens (2002, p.21) num sentido geral referindo às “instituições de modos e de comportamento estabelecidos pela primeira vez na Europa depois do feudalismo, mas que no século XX se tornaram mundiais em seu impacto”.

[...] a vida social moderna é caracterizada por profundos processos de reorganização do tempo e do espaço, associados à expansão de mecanismos de desencaixe – mecanismos que descolam as relações sociais de seus lugares específicos, recombinao-as através de grandes distâncias no tempo e no espaço. A reorganização do tempo e do espaço somada aos mecanismos de desencaixe, radicaliza e globaliza traços institucionais preestabelecidos da modernidade; e atua na transformação do conteúdo e da natureza da vida social cotidiana. (p. 10)

Dessa maneira, esta transformação social descrita por Giddens (2002) e Hall (2001) conduz também ao pensamento científico. Schnitman (1996) chama atenção para o fato de que “Assistimos à dissolução dos discursos homogeneizantes e totalizantes na ciência e na cultura” (p.17). Segundo a autora, “Tanto a ciência como a cultura são processos construtores de e construídos por processos sociais” (p.11).

De acordo com Marcondes (2002), este período de crise e transformação conduz o pensamento científico ao estabelecimento de um novo pensamento. Nesta “crise dos paradigmas”, o estabelecimento desta nova perspectiva “subjetivista” determina o sujeito e suas relações como a base desta nova ótica. Sobre este assunto, o autor pontua que:

Este paradigma epistemológico é crítico, exatamente na medida em que é reflexivo, isto é, em que é capaz de submeter esta razão a um exame permanente, garantindo o seu bom funcionamento, e evitando assim que se repitam as falhas da Ciência clássica, cujos modelos explicativos se revelaram falsos. A possibilidade da crítica pressupõe, contudo, a autonomia da consciência subjetiva, bem como seu caráter originário. (MARCONDES, 2002, p. 20)

Desta forma, percebe-se o sujeito como alicerce suleador de qualquer pensamento/questionamento. Assim, a compreensão do mesmo passa a se fazer de maneira singular, ampla e complexa.

Esta nova compreensão do indivíduo conduz às formulações de Morin (1996), que nos leva a romper paradigmas ainda enraizados em nossa cultura, paradigmas estes que compartimentam, dividem e seccionam o indivíduo, analisando-o/observando-o de maneira simplista e cartesiana.

O rompimento com este olhar, apresenta como “nova” proposta a suposição de um indivíduo-sujeito autônomo-dependente, observado em sua complexidade. Desse modo este indivíduo que une conceitos que muitas vezes rechaçam-se entre si e que sob a ótica cartesiana encontravam-se compartimentados, propõe/supõe a ênfase na relação entre a “auto-eco-organização”² e a “auto-exo-referência”³ (MORIN, 1996).

Este “novo olhar” então debruça-se sobre questões do indivíduo que emergem no convívio social. Inaugura-se então a busca pelos significados. Sobre essa questão Chizzoti (1991, p. 81) esclarece que: “o pesquisador é um ativo descobridor do significado das ações e das relações que se ocultam nas estruturas sociais”.

A busca pela compreensão do indivíduo em suas dimensões bio-psico-sociais comprova a necessidade de que as reflexões acerca dos fenômenos sociais passem por esta mudança de paradigma onde a ciência os compreenda de acordo com o tempo e espaço.

Percebe-se historicamente a constante influência de padrões de vida e de comportamento nas sociedades de um modo geral, mas com o advento da globalização esta interferência tornou-se mais intensa em nosso cotidiano.

Segundo Giddens (1990, p. 06) “[...] à medida em que áreas diferentes do globo são postas em interconexão umas com as outras, ondas de transformação social atingem virtualmente toda a superfície da terra”.

Desse modo, a atual fase está, segundo Silva (2001, p. 94), “marcada por intervenções profundas e incessantes sobre a Natureza, inclusive, sobre aquela que se poderia chamar de natureza humana”.

A autora nomeia este momento como “a crise da ocidentalização do mundo” (ibid, p.94). Segue-se hoje, mais do que nunca, um modelo ocidental do

² O autor utiliza este termo em detrimento de auto-organização em virtude de acreditar que a auto-organização significa sim autonomia, porém uma autonomia “que depende de nosso meio ambiente, seja biológico, meteorológico, sociológico ou cultural.” (MORIN, 1996, p. 47).

³ “Esse processo de auto-exoreferência é o que é constitutivo da identidade subjetiva. E assim opera a distinção entre si/não-si, mim/não-mim, entre o eu e os outros eus.” (MORIN, 1996, p.49 e 50).

belo, do instantâneo e do descartável, não apenas no que diz respeito ao ato de consumir, mas principalmente na construção de nossos valores. Desta forma, ocorre uma generalização do modo de vida, dos valores de sua racionalidade e sua expectativa de corpo.

O tempo de “[...] altíssima velocidade. A um ritmo de stress.”, tratado por Eco (1993, p.2), e também denominado pelo autor como o “século do enfarte” impõe-se globalmente aos seres humanos como uma nova lei. Sobre essa questão Santos (1994, p. 15-16) destaca:

A aceleração contemporânea impôs novos ritmos ao deslocamento dos corpos e ao transporte das idéias mas, também, acrescentou novos itens à história. Junto com uma nova evolução das potências e dos rendimentos, com o uso de novos materiais e de novas formas de energia, o domínio mais completo do espectro eletromagnético, a expansão demográfica (a população mundial triplica entre 1650 e 1900, e triplica de novo entre 1900 e 1984), a expansão urbana e a **explosão do consumo**, o crescimento exponencial do número de objetos e do arsenal de palavras. (grifos nossos).

A nova relação com a velocidade, que tem reflexo na produção e consumo constantes, cria a sensação permanente de insatisfação. Esta insatisfação leva a um consumo desenfreado e compulsivo, e funciona como mola propulsora da maioria das relações de consumo.

Nesta dinâmica, os padrões possuem sua obsolescência programada, num ciclo incessante. Assim, impede-se que se perpetue a idéia de “duração e a lógica da sucessão” (SANTOS, 1994, p. 16).

A globalização vem se impondo como uma “fábrica de perversidades”, onde o predomínio do desemprego, da insatisfação constante, da pobreza, da fome, da educação de má qualidade, o egoísmo, o cinismo, a corrupção, a competição são apenas algumas das mazelas imputáveis a este processo. (SANTOS, 1994, p. 20).

Ao afirmar a relevância de um estudo em que é possível observar a maneira pela qual a sociedade/cultura impõe um uso específico do corpo a todos os indivíduos, Mauss (2003), no início do século XX, explica sobre o caráter

inconsciente dos costumes, renunciando o que posteriormente denominar-se-ia caráter simbólico das atitudes humanas.

Mauss (2003) desenvolveu inúmeros conceitos ainda tidos como base em estudos que se referem ao corpo segundo uma compreensão cultural, onde se entende a cultura de maneira ampla e complexa. É possível visualizar diversos desses conceitos nos estudos que envolvem o corpo ocidental e contemporâneo. O mais importante talvez seja o das “Técnicas Corporais” que o autor define como a maneira que cada indivíduo e sociedade sabem e aprendem a servir-se dos seus corpos. Ele define como um ato que é tradicional e eficaz, elevando-se ao nível de fato social. Assim ele esclarece:

Chamo técnica um ato *tradicional eficaz* (e vejam que nisso não difere do ato mágico, religioso, simbólico). Ele precisa ser *tradicional e eficaz*. Não há técnica e não há transmissão se não houver tradição. Eis em quê o homem se distingue antes de tudo dos animais: pela transmissão de suas técnicas e muito provavelmente por sua transmissão oral. (MAUSS, 2003, p. 407)

É importante destacar as colocações de Mauss (2003) a respeito deste conceito, chamando atenção para o caráter cultural deste processo, no qual esclarece que a técnica do corpo “varia não simplesmente com os indivíduos e suas imitações, mas sobretudo com as sociedades, as educações, as conveniências, as modas, os prestígios” (MAUSS, 1974, p.214 apud DAÓLIO e VELOZO, 2008, s/p).

Para demonstrar a força da autoridade social na propagação dos símbolos culturais, Mauss (2003, p. 408) afirma: “Tudo em nós é imposto”. Segundo ele, em toda parte nos deparamos com “montagens fisio-psico-sociológicas de séries de atos [...] mais ou menos habituais e mais ou menos antigos na vida do indivíduo e na história da sociedade” (p. 420) e nisso consistem as “técnicas do corpo”.

Se as técnicas corporais são então compreendidas enquanto “técnicas do corpo” é necessário esclarecer que para o autor: “O corpo é o primeiro e mais natural instrumento do homem. Ou, mais exatamente, sem falar de instrumento: o primeiro e o mais natural objeto técnico, e ao mesmo tempo meio técnico, do homem, é seu corpo.” (Ibid, p.407)

Segundo Mauss (2003), estas técnicas seriam então aprendidas num processo de “imitação prestigiosa”. Este processo consistiria na repetição de atos observados como eficazes e realizados por pessoas de prestígio. Sendo assim, “A criança, como o adulto, imita atos bem-sucedidos que ela viu ser efetuados por pessoas nas quais confia e que têm autoridade sobre ela.” (Ibid, p.405). Para ele:

É precisamente nessa noção de prestígio da pessoa que faz o ato ordenado, autorizado, provado, em relação ao indivíduo imitador, que se verifica todo o elemento social. No ato imitador que se segue, verificam-se o elemento psicológico e o elemento biológico. (p. 405)

Porém, o ponto fulcral do trabalho de Mauss (2003) sobre as técnicas do corpo encontra-se na compreensão do fenômeno social em sua totalidade, conceito denominado por ele como “fato social total”. Para ele, “uma vez conhecidos todos os outros fatos e sistemas de fatos, deve-se estudar essa ligação geral”, “quer estudemos fatos especiais ou fatos gerais, no fundo é sempre com o homem completo que temos que lidar” (MAUSS, 1974, 1v. p.200 apud RODRIGUES, p. 74, 2000).

O autor esclarece que quando se busca esta perspectiva de estudo sobre um indivíduo em sua complexidade, esta investigação envolve “[...] todo o seu corpo e toda a sua alma de uma só vez. Na sociedade, quando estudamos um fato especial, é com o complexo psicofisiológico total que estamos lidando” (MAUSS, 1974, 1v. p.200 apud RODRIGUES, p. 74, 2000).

Escrita em 1924, as palavras de Mauss (apud DAÓLIO, p.44, 1995) continuam atuais:

No fundo, corpo, alma sociedade, tudo se mistura. Os fatos que nos interessam não são fatos especiais de tal ou qual parte da mentalidade; são fatos de uma ordem muito complexa, a mais complexa que se possa imaginar. São aqueles para os quais proponho a denominação de totalidade, em que não apenas o grupo toma parte, como ainda pelo grupo, todas as personalidades, todos os indivíduos na sua integridade moral, social, mental e, sobretudo, corporal ou material (1974, v.1, p.198).

Entender estes conceitos, desenvolvidos por Mauss (2003), é imprescindível para que uma reflexão profunda a respeito do uso do corpo pela e para a cultura. Um estudo que busca reflexões a respeito do homem e da sociedade necessita também clarificar a complexidade do entendimento dos conceitos sobre cultura desenvolvidos pelas Ciências Sociais.

Só a partir da compreensão de tais conceitos é possível perceber nas colocações de diversos pensadores das Ciências Sociais como Geertz (1989), Daólio (1995), Rodrigues (1986) Kofes (1989), Soares (2001), Sant'anna (2001), Malysse (2002), dentre outros, o reflexo das contribuições de Mauss (2003), precursor da compreensão do corpo enquanto objeto de transmissão de códigos culturais.

Iniciando a discussão sobre a questão cultural, visualiza-se como ponto de partida o conceito sobre a cultura difundido por Geertz (1989, p.21) para quem: “A cultura é composta de estruturas psicológicas por meio das quais os indivíduos ou grupos de indivíduos guiam seu comportamento”, podendo também ser definida como um importante mecanismo de controle que possui sistemas organizados de símbolos significantes. O autor sustenta que ela – a cultura – seria um ingrediente para o desenvolvimento do ser humano, e ainda segundo ele não seria possível existir um homem sem cultura.

Geertz (1989) refuta a concepção estratigráfica da natureza humana onde fatores biológicos, psicológicos, sociais e culturais manteriam uma relação de superposição. Desse modo, propõe uma concepção sintética na qual os fatores são parte de um sistema único.

Daólio (1995) vem corroborar com esta concepção e também com o fato de a cultura ser um mecanismo de controle essencial à existência humana. O autor chama a atenção para o fato de acreditar que é por meio do corpo que o homem aprende a cultura, onde coloca que: “O homem, por meio do seu corpo, vai assimilando e se apropriando dos valores, normas e costumes sociais, num processo de inCORPOração”⁴ (Ibid, 1995, p.39).

⁴ Malysse (2002) também utiliza o termo inCORPOração, onde esclarece que são processos complexos onde o homem memoriza com todo o seu corpo diversos valores modais da aparência

Enfático quanto à questão do corpo como instrumento de propagação cultural, Rodrigues (1986, p.45) afirma que:

[...] a cultura dita normas em relação ao corpo; normas a que o indivíduo tenderá, à custa de castigos e recompensas, a se conformar, até o ponto de estes padrões de comportamento se lhe apresentarem como tão naturais quanto o desenvolvimento dos seres vivos.

Sobre esta questão acerca do corpo, Kofes (1989), diz que ele (o corpo) é a expressão da cultura. Desta forma, esses autores enfatizam a necessidade de uma maior compreensão sobre os símbolos culturais que estão representados no corpo.

Compreendendo a cultura como a forma exclusiva de significação de uma determinada sociedade, e certos de que “[...] cada sociedade se expressa diferentemente por meio de corpos diferentes.” (DAÓLIO, 1995, p.36), considerando o corpo o “emblema aonde a cultura vem inscrever seus signos e também seus brasões” (SOARES, 2001, p.17), verifica-se que a compreensão de questões relativas ao corpo é inexoravelmente, um entendimento referente àquela sociedade em que se observam os fenômenos.

Ferreira e Guimarães (2003, p. 06) chamam atenção para esta questão ao destacarem que:

A insensibilidade de muitos autores às complexidades transculturais da corporeidade apenas empobrece nossa própria compreensão destes fenômenos. A dor e as dificuldades causadas pelas modificações corporais não podem ser vistas com ingenuidade, e as descobertas antropológicas das últimas décadas já nos permitem compreender muito melhor que a experiência do corpo não existe independentemente da imagem que o constrói enquanto corpo.

Ainda a este respeito, percebe-se em Sant’anna (2001) essa preocupação, quando ela define o corpo como:

Território tanto biológico quanto simbólico, processador de virtualidade infindáveis, campo de forças que não cessa de

física, que são os fundamentos das novas coletividades para posteriormente representá-los nas cenas sociais.

inquietar e confortar, o corpo talvez seja o mais belo traço da memória da vida. Verdadeiro arquivo vivo, inesgotável fonte de desassossego e prazeres, o corpo de um indivíduo pode revelar diversos traços de sua subjetividade e de sua fisiologia mas, ao mesmo tempo, escondê-los. Pesquisar seus segredos é perceber o quanto é vão separar a obra da natureza daquela realizada pelos homens: na verdade, um corpo é sempre “biocultural”, tanto em seu nível genético, quanto em sua expressão oral e gestual. (p. 03).

Segundo Daólio (1995, p.41), “o que define o corpo é o seu significado, o fato de ele ser produto da cultura, ser construído diferentemente por cada sociedade, e não as suas semelhanças biológicas universais”. Para Rodrigues (1986) ele é “[...] o mais natural, o mais concreto, o primeiro e o mais normal patrimônio que o homem possui” (p.47). Já Stoer, Magalhães e Rodrigues (2004), o destacam como um local de exclusão social onde a cultura forja a ferro e fogo suas exigências.

Mataruna (2004, p.01), aponta para o fato de que neste processo de culturalização “[...] o sujeito tenta consumir, enquanto objeto, o corpo de um outro indivíduo para suprir o seu espaço fusional interior”.

Segundo Ferreira e Guimarães (2003, p.77):

São inegáveis a crescente importância e a excessiva valorização atribuídas, nas sociedades modernas, a “valores” como poder, beleza, juventude, riqueza, que estratificam os seres humanos, consoante princípios preestabelecidos culturalmente.

As autoras ainda enfatizam que:

[...] nos dias de hoje, pode-se acrescentar que o corpo parece ajustável ao que precisa e determina a mídia, através dos protótipos apresentados nas novelas, nos filmes e nos programas de auditório. [...] Vive-se a era das imagens e, nesse contexto, experimenta-se uma saturação de signos, no tocante ao corpo ideal. Nesta ciranda de signos, o corpo fica reduzido a escravo de si mesmo: o corpo real é desprezada e descartado, em prol do corpo desejado e imaginado. Esta valorização visual impõe-se de forma drástica e direta. (p.81)

Percebe-se hoje, como afirma Fernandes (2003, p.13), que “o corpo está em alta”. Na verdade, tantos outros autores como Foucault (2007), Rodrigues (1986), Geertz (1989), Daólio (1995) e Soares (2001), demonstram em suas obras que o corpo talvez tenha sido, em todos os tempos, o mais importante instrumento de transmissão de códigos culturais.

Porém, como muitos destes autores pontuam, principalmente a partir das últimas décadas, essa relação torna-se cada vez mais extrema, doentia e fonte de sofrimentos.

Em sua obra, Umberto Eco (2007) demonstra como surgiram múltiplos ideais corporais de beleza que, por vezes, demonstraram-se contraditórios e questionados até dentro de uma mesma cultura. A partir daí, faz uma colocação bastante interessante a respeito da formação dos conceitos de feio e belo na qual ressalta que:

Não é difícil entender que o feio, enquanto conceito relativo, só é compreensível em relação a um outro conceito. Este outro conceito é o belo: o feio só existe enquanto existe o belo, que constitui seu pressuposto positivo. (ECO, 2007, p. 136).

Em nossa história recente, percebe-se uma mudança extrema dos modelos formadores dos padrões de beleza num curto espaço de tempo. Na década de 1950, predominava como modelo de beleza um corpo roliço que demonstrava riqueza e poder, e atribuía-se à magreza e aos músculos o trabalho braçal da classe pobre. Passando pela diminuição constante desta silhueta, que se apresenta como um corpo esquelético na década de 1980/1990. E, finalmente, nos tempos atuais, prevalece a convicção de um corpo com aparência eternamente jovem, torneado por músculos e com o mínimo de gordura. Onde se percebe a relação da manutenção deste corpo a uma idéia de saúde - divulgada pela comunidade médica (JACKSON, 2004, p. 18).

Historicamente, fomos e somos influenciados por padrões de vida e de comportamentos com os quais aprendemos a maneira de nos vestir, nos comportar, como e quando falar, o que significar, o que consumir, como e quando

nos movimentar. Enfim, historicamente, aprendemos quem devemos ser e o que devemos querer.

Segue-se hoje, mais do que nunca, o modelo ocidental do belo, do instantâneo e do descartável, não apenas no que diz respeito ao ato de consumir, mas principalmente na construção de nossos valores. Consciente disso, Kofes (1989, p.55) levanta o seguinte questionamento:

Será que hoje não estaria havendo um discurso ao qual eu teria que adequar meu corpo, ao invés de se ter (se é que é possível) uma sociedade da qual o meu corpo estivesse liberado de um discurso que afirma como ele tem que ser? (p. 55).

A este respeito, Malysse (2002) surge com o conceito de “Personalidade Corporal Modal”, compreendido como o estereótipo a ser seguido/aceito e que é determinado por aquela sociedade/cultura.

Daólio (1995, p.39) corrobora com esta colocação quando afirma que “cada sociedade elege um certo número de atributos que configuram o que e como o homem deve ser, tanto do ponto de vista intelectual ou moral quanto do ponto de vista físico”.

No que diz respeito especificamente ao corpo na sociedade brasileira, Malysse (2002) declara sua importância nas interações sociais. Segundo a autora, ele “deve ser entendido não apenas como vetor de cordialidade, mas também como mensagem de *corpolatria*” (p. 127). Sobre este termo – *corpolatria* - a autora diz que “[...]seria então uma ensomatose (uma queda em direção ao corpo), mas uma ensomatose controlada, dosada e esteticamente orientada por imagens-norma ou por iconologia desse culto ao corpo.” (p. 131).

Segundo Malysse (2002), “Nos últimos trinta anos, o culto ao corpo se fortaleceu muito num sentido capitalista e comercial” (p. 132). Deste modo, o corpo toma forma(fôrma) nesta cultura como um corpo jovem, belo, alto, sem gorduras, sem flacidez, sem rugas e com muitos músculos. É importante destacar que, segundo a autora, a banalização que se faz sobre o corpo deve-se ao entendimento deste como um “corpo moldável” onde vigora um paradigma de “corpo autoplástico”.

Sant'anna (1995, p. 137), destaca que nesta dinâmica “o corpo parece tornar-se o único guia e a principal finalidade do processo embelezador”. A autora, referindo-se principalmente aos cuidados com o corpo feminino, coloca:

[...] os conselhos de beleza se destinam a todas as mulheres – desprovidas ou não de beleza – e, em breve, ganham certas fatias do mercado masculino, sobretudo no que tange aos regimes e à ginástica. Numa época em que o corpo feminino se tornou um sensível dotado de uma linguagem própria, de uma profundidade outrora inimaginável e de uma complexidade antes frequentemente negada, a beleza a ser obtida faz parte, necessariamente, de um trabalho infinito. Mais do que combater a feiúra, o que se exige é a obtenção de um estoque de beleza suplementar. Nesse sentido, se, atualmente, o embelezamento representa mais do que acabar com a feiúra, se ele integra a esta promessa aquela de fazer a mulher encontrar com ela mesma, resistir à compra dos cosméticos ou, ainda às aulas de ginástica, aos regimes, às cirurgias, etc, significa, sobretudo, resistir a proporcionar para si mesma um prazer suplementar. E, muitas vezes, uma tal renúncia representa uma experiência intolerável. (p. 137)

Sobre essa utilização e manipulação do corpo como forma de significar-se na sociedade, Le Breton (1993, p.65) destaca:

Todo corpo contém inúmeros outros corpos virtuais que o indivíduo pode atualizar por meio da manipulação de sua aparência e de seus estados afetivos. [...] Roupas, cosméticos, atividades físicas formam uma constelação de produtos cobiçados, destinados a ser o camarim onde o ator social cuida daquela parte de si mesmo que em seguida vai exhibir como se fosse um cartão de visitas de carne e osso.

Assim, “[...] o corpo é apropriado e representado atualmente, passando a ser objeto de consumo [...]”. Fernandes (2003, p.14) o aponta como “Estandarte de um ideal de perfeição que se busca insistentemente alcançar, o corpo é hoje hiperinvestido, porém frequentemente apontado como fonte de frustração e sofrimento, constituindo-se como meio de expressão do mal-estar contemporâneo.”.

Talvez por isso verifica-se hoje essa crescente dificuldade em lidar com o próprio corpo, com suas imagens, sensações, limitações e com a consciência

corporal. A convivência harmônica com o próprio corpo tem se transformado em uma verdadeira utopia.

Compreender as entrelinhas deste processo torna-se urgente. A proposta de um novo olhar sobre o sujeito, colocada no início deste capítulo, vem ao encontro dessa necessidade, e nos leva a enxergar nos estudos relacionados ao Corpo - especificamente sobre Imagem Corporal - sob a perspectiva deste olhar diferenciado, um caminho a seguir com o objetivo de compreender o indivíduo em sua complexidade.

3.2 IMAGEM CORPORAL

Neste item busca-se compreender a maneira como a Imagem Corporal tornou-se objeto de estudo da ciência. Sendo assim, a partir das frequentes colocações dos estudiosos pesquisados, apresenta-se alguns autores que, segundo consta, construíram esta história. Dessa maneira, destaca-se Bonnier, A. Pick, Henry Head e Paul Schilder e posteriormente, contribuições importantes a este constructo no cenário internacional – como o estudo das dimensões da imagem corporal por Pruzinsky e Cash (2004).

No cenário nacional, Tavares (2003), dentre outros autores, vem demonstrar as contribuições da pesquisa brasileira a este constructo. Os conceitos de “distorção corporal” e “insatisfação corporal” são abordados segundo Garner e Garfinkel (1981), seguidos por Cash (2004) que posteriormente apresenta o de “Imagem Corporal Negativa”.

Pouco antes da virada do século XX, identifica-se o neurologista francês Bonnier como precursor dos estudos que, de alguma maneira, envolviam a questão da imagem corporal no universo científico. Outros tantos neurologistas do início do século XX buscaram, através da observação e análise de atitudes de seus pacientes, compreenderem como as alterações observadas se organizavam, se desenvolviam e sob quais condições poderiam ser interrompidas. Desta

maneira a ciência pôde experimentar os primeiros estímulos para o desenvolvimento dos estudos acerca do tema Imagem Corporal (FISHER e CLEVELAND, 1968).

Ainda no início do século XX, destaca-se neste cenário o neurologista alemão A. Pick, que dedicava seus estudos à questão do membro fantasma e introduziu a idéia de que cada pessoa desenvolve ao longo da vida “a imagem espacial de seu corpo” (FISHER e CLEVELAND, 1968). Outro cientista que não pode deixar de ser lembrado é Henry Head, que em 1911 trouxe o termo “esquema corporal” como um modelo postural que cada pessoa constrói de si mesmo (FISHER, 1990).

Até meados do século XX estenderam-se os estudos de alterações na representação do corpo provocadas por lesões cerebrais, mas foi em 1935, com a publicação de *The Image and Appearance of Human Body*, por Paul Schilder, que os estudos da Imagem Corporal tomaram um enfoque multidimensional e interdisciplinar.

Schilder (1999) adicionou às questões fisiológicas as dimensões psíquicas e sociais, e foi a multidimensionalidade de suas reflexões o que o fez ser considerado o grande precursor dos estudos sobre Imagem Corporal, sendo referenciado na maioria das pesquisas que tratam deste tema.

Segundo o autor, a Imagem Corporal pode ser considerada como “a foto ou imagem do nosso corpo formada em nossa mente” (1999, p.11), sendo compreendida mais profundamente como uma representação mental da identidade corporal. Para o autor, ela é a maneira que uma pessoa se percebe e sente-se em relação ao próprio corpo e aos corpos dos outros. Deste modo, ele introduz a questão não apenas do seu próprio olhar em relação ao seu corpo, mas também do olhar do outro nesta construção ao destacar que: “vivenciamos as imagens corporais dos outros. A experiência da nossa imagem corporal e a experiência dos corpos dos outros são intimamente interligadas” (SCHILDER, 1999, p. 13). E ainda complementa:

[...] nossa imagem corporal e a das outras pessoas são dados primários de experiência, e que, desde o início, há uma conexão

muito esterita entre nossa imagem corporal e a dos outros. Incorporamos partes de diversas imagens corporais e doamos partes de nossa própria imagem a outras pessoas [...]. (*Ibid.*, p. 204)

Ainda colocando-se sobre o interesse em torno do seu próprio corpo e sobre os corpos dos outros, Schilder (1999, p. 150-151) ressalta:

A atitude em relação às várias partes do corpo pode ser determinada pelo interesse que as pessoas que nos cercam dão ao nosso corpo. Elaboramos nossa imagem corporal segundo as experiências que obtemos através das ações e atitudes dos outros. [...] o interesse dos outros pelo próprio corpo e suas ações em relação ao corpo influenciarão o interesse que o sujeito tem pelas diversas partes do próprio corpo.

O autor ainda destaca nessa relação a distância entre os objetos e o corpo, quando afirma que “ A configuração emocional determina a distância entre os objetos e o corpo” (SCHILDER, 1999, p. 188).

Corroborando com Schilder (1999) a respeito da constatação do papel do outro nesse constructo, Ferreira (2007, p. 76) é contundente: “O interesse pelo corpo do outro é tão inato quanto o interesse pelo próprio corpo”. Assim, a autora busca exemplos do cotidiano para demonstrar a relação corpo-objeto:

A imagem corporal ultrapassa os limites do corpo, relacionando-se não só com outras imagens corporais, mas também com objetos que façam parte de seu cotidiano. Acessórios externos, tais como boné, chapéu, óculos, bengala, qualquer tipo de roupa, podem, facilmente tornar-se parte de imagem corporal de uma pessoa quanto mais rígida for a ligação do corpo com esses objetos. (FERREIRA, 2007, p. 76)

Pode-se dizer que, segundo Schilder (1999), a Imagem Corporal deve ser compreendida como um fenômeno complexo, que não ocorre de maneira linear, e que diz respeito apenas àquele indivíduo naquele momento. Ela é a interação entre os aspectos fisiológicos, libidinais e sociais, onde não há separação entre o orgânico e o funcional, sendo constantemente (re)construída.

Ressalta-se que após Schilder (1999), outros autores desenvolveram pesquisas relacionadas ao tema imagem corporal, mas foi na década de 1990 que os estudos foram intensificados. Dessa maneira, a imagem corporal passou a ser

objeto de estudo em diversas áreas do conhecimento (como a Psicologia, Medicina, as Ciências Sociais dentre outras), ganhando grande representatividade no cenário internacional (PRUZINSKY; CASH, 2004).

Dentre os autores da atualidade, Cash (2004) destaca-se ao tratar dos fatores que podem influenciar o desenvolvimento da Imagem Corporal. O autor expõe que além dos fatores sócio-culturais, existem os históricos e atuais. Segundo ele, os fatores históricos referem-se, basicamente, ao significado da aparência física e às experiências focadas no próprio corpo durante a infância e a adolescência, influenciando dessa forma a maneira como o indivíduo se sente e age em relação ao próprio corpo.

Já os fatores atuais, são aqueles mais recentes, baseados em uma perspectiva cognitiva-comportamental, e que referem-se a pensamentos carregados de emoção, inferências, interpretações e conclusões sobre um olhar próprio e que têm atuação direta sobre um comportamento em relação à imagem corporal.

A influência de Cash (2004) nas pesquisas realizadas sobre questões relacionadas à Imagem Corporal também se situa no estudo dos componentes e dimensões deste constructo. Assim, o autor, junto a Tomas Pruzinsky (2004, p. 07) conceituam a Imagem Corporal como um “*multidimensional phenomenon*”⁵. Os autores revelam a atuação de componentes tanto atitudinais, que podem englobar as dimensões de satisfação, afetiva, cognitiva e comportamental, quanto os componentes perceptuais.

Segundo Pruzinsky e Cash (2004) o componente perceptual envolve o julgamento do tamanho do próprio corpo, já o componente atitudinal envolve a insatisfação com o tamanho ou forma do seu corpo. Gardner (2004, p. 127), destaca que a distorção destes componentes é comumente observada em indivíduos com desordem alimentar que frequentemente superestimam seu tamanho corporal. Para o autor esses componentes atuam de forma independente.

⁵ “fenômeno multidimensional” (tradução livre).

Tompson e Van Den Berg (2004, p.142) conceituam as quatro dimensões do componente atitudinal da seguinte maneira:

Insatisfação subjetiva global ou perturbação se refere à satisfação-insatisfação geral com a sua aparência.
 Sofrimento afetivo em relação à aparência – se refere às emoções de uma pessoa, incluindo ansiedade, disforia e desconforto.
 Aspectos cognitivos da imagem corporal – se refere a investimento na aparência de uma pessoa, pensamentos ou crenças errôneas sobre o próprio corpo e esquemas de imagem corporal.
 Fuga comportamental refletiva de insatisfação com a aparência – se refere a fuga de situações ou objetos devido à sua elicitación de preocupações com a imagem corporal. (tradução livre)

Em relação ao desenvolvimento das pesquisas em torno deste tema, tanto em âmbito nacional quanto internacional, nota-se que as mesmas propõem ou empregam métodos de avaliação da Imagem Corporal e o pesquisador busca observar alterações.

Nesse sentido, Cobelo (2008, p.31) chama atenção ao fato de que “Os termos distúrbio, distorção e insatisfação têm sido erroneamente utilizados de forma indistinta”. Assim, esclarece que a distorção e a insatisfação corporal são distúrbios da imagem corporal.

Gardner, Friedmam e Jackson (1998), pontuam que os distúrbios da imagem corporal designam muitos aspectos, nos quais se destacam os afetivos, cognitivos, comportamentais e perceptuais. Segundo Scagliusi et al (2006) e Benninghoven et al (2007), a distorção da imagem corporal trata-se de um distúrbio da dimensão perceptiva. Já a insatisfação refere-se ao componente atitudinal da imagem corporal (COBELO, 2008, p.34).

Benninghoven et al (2007) descrevem a insatisfação corporal como a avaliação negativa que o indivíduo tem em relação ao seu corpo. Já Cobelo (2008, p.34) a define como “a diferença entre o corpo percebido e aquele considerado como ideal pelo indivíduo”. Para a autora a distorção seria “a estimativa errônea do tamanho do próprio corpo” (p.32).

Assim, segundo Campana (2007, p. 28):

Os problemas com a imagem do corpo podem se ordenar num continuum de moderada insatisfação e preocupação com o corpo e progredir para uma preocupação extrema com a aparência física, e levando a uma Imagem Corporal negativa.

Para a autora, a Imagem Corporal Negativa “implica numa condição mais estressante e inibitória que a insatisfação corporal inicial” (CAMPANA, 2007, p. 28). Dessa maneira, sua manutenção pode estar relacionada aos pensamentos negativos a respeito de si mesmo, a depreciação da aparência e do corpo físico e aos comportamentos de evitação e checagem. (ROSEN; OROSAN; REITER, 1995).

Para Cash (2004), uma “Imagem Corporal Negativa” pode se provocada pelos os fatores históricos e recentes. Para ele este conceito pode ser abreviado como uma insatisfação profunda com o corpo (ou parte dele) ou com a imagem corporal, como se observa a seguir:

Unfortunately, there is no clear consensus on the meaning of this term. Typically it has equated with “body (or body image) dissatisfaction”. Accordingly, we refer to the percentage of people in some surveyed population who report dissatisfaction with certain physical characteristics (e.g., weight, shape, facial features, etc.). Thus, in context, a negative body image means discontent with some aspect of one’s physical appearance. (Ibid, 2004, p. 269)⁶

Dessa forma, entende-se por insatisfação corporal um sentimento de desconforto em relação ao seu próprio corpo. Esta se relaciona a uma alteração cognitiva-emocional, resultando em uma atitude em relação ao próprio corpo. Segundo Gardner (2004), ela pode ser definida também a diferença entre o tamanho que uma pessoa percebe seu corpo (ou parte dele) e o tamanho idealizado por ela.

The most comonly measured attitudinal component of body image is body size dissatisfaction. Body dissatisfaction is most frequently

⁶ Infelizmente, não há um consenso claro sobre o significado desse termo. Tipicamente, é igualado a “insatisfação com o corpo (ou imagem corporal)” Consequentemente, nos referimos à porcentagem de pessoas em uma população pesquisada que relatam insatisfação com certas características físicas (por exemplo, peso, forma, características faciais etc.). Assim, no contexto, uma imagem corporal negativa significa descontentamento com alguns aspectos de aparência física de uma pessoa. (Ibid, 2004, p. 269) (tradução livre).

defined as discrepancy between a perceived size and the size they would like to be, ideally.(GARDNER, 2004, p. 129)⁷

Tavares (2003) destaca-se no cenário nacional como pesquisadora acerca do tema Imagem Corporal e tem em Schilder (1999) seu maior alicerce. Para a autora, o dinamismo, a multidimensionalidade e a singularidade são pontos a serem profundamente compreendidos na busca do significado da Imagem Corporal. A autora conceitua a imagem corporal como “a maneira pela qual nosso corpo aparece para nós mesmos. É a representação mental do nosso corpo.” (TAVARES, 2003, p. 27) e ainda complementa:

Vivencio de modo contínuo minha imagem corporal. Ela está totalmente vinculada à minha identidade e à minha experiência existencial. É tão espetacularmente dinâmica como são minhas relações com o mundo e a interação entre meus processos conscientes e inconscientes. (TAVARES, 2003, p. 36)

Para ela, em um estudo que objetiva um mergulho aprofundado nas questões relativas à Imagem Corporal, torna-se imprescindível à compreensão do significado deste termo (Imagem Corporal) passando pelo entendimento de dois pontos elementares, a saber: “O que é uma imagem ou representação mental?” e “A qual ‘corpo’ estamos nos referindo?” (Ibid, 2003, p.27).

Tavares (2003) alerta que é necessário um olhar complexo acerca destes termos. Segundo a autora, o termo “Imagem” diz respeito não apenas a uma imagem visual de um objeto, mas refere-se à imagem mental ou representação mental, sendo assim mais abrangente. Ela define o termo da seguinte maneira:

A imagem mental se refere a vivências perceptivas, a momentos existenciais experienciados por um indivíduo. Há uma ligação profunda com a história de vida de cada um, não no sentido de um conjunto de fatos da vida de uma pessoa, mas da conexão intrínseca de toda a sua experiência existencial. (TAVARES, 2003, p.30)

⁷ O componente atitudinal de imagem corporal mais comumente medido é a insatisfação com o tamanho do corpo. A insatisfação com o corpo é mais frequentemente definida como uma discrepância entre a percepção de tamanho e o tamanho que gostariam de ter idealmente (GARDNER, 2004, p.129). (tradução livre).

A partir desta compreensão do termo imagem torna-se necessário o esclarecimento do segundo ponto elementar, ou seja, é imprescindível que fique claro a concepção de corpo que determina nossas investigações.

A autora enfatiza que esse olhar é o que enxerga o corpo em toda a sua complexidade: um olhar para o sujeito, para o indivíduo, para o corpo. Tavares (2003) concorda com Schilder (1999) na medida em que destaca um corpo existencial, carregado de memória, sendo o ponto da relação do ser no mundo.

Sendo assim, na medida em que se compreende o corpo como um complexo de experiências interconectadas, vivenciadas e armazenadas, percebe-se não ser possível um maior aprofundamento e entendimento dos fenômenos relacionados a ele de maneira autônoma, mas sim temporizadas na cultura em que se inserem.

Segundo Daolio (1995, p.41) “o que define o corpo é o seu significado, o fato de ele ser produto da cultura, ser construído diferentemente por cada sociedade, e não as suas semelhanças biológicas universais”. Esta reflexão nos remete à Le Breton (1997, p. 26) onde esclarece que “O corpo não é uma natureza. Ele não existe. Nunca vimos um corpo: o que vemos são homens, mulheres [...]”.

Desta maneira, pode-se compreender de forma mais significativa a afirmativa de Carreira Filho (2005, 56), em que o autor coloca que “Nosso corpo, se é que o possuímos verdadeiramente, é submetido aos desejos dos outros, do espelho social e das vitrines dos relacionamentos sociais”.

Talvez por esse motivo verifique-se hoje essa crescente dificuldade em lidar com o próprio corpo, com suas imagens, sensações e limitações, com a consciência corporal. Segundo (TEVES, 2002, p. 33)

[...] uma imagem corporal remete, de algum modo, ao sentido das imagens corporais que circulam na comunidade e se constroem a partir dos diversos relacionamentos que ali se estabelecem, seja pela proximidade, seja pela distância emocional que aquela imagem proporciona. Ou seja, em qualquer grupo existe sempre **uma imagem social do corpo**, e por isso mesmo provoca uma tendência à identificação do sujeito com outros integrantes do grupo, instituindo-se assim imagens corporais para seus membros. (grifos nossos)

É nessa dinâmica que mescla a identificação com o consumo do corpo do outro, que se observa uma quantidade muito grande de indivíduos que se encontram entre uma moderada e extrema insatisfação e preocupação com o corpo. Desse modo, percebe-se um grande número de pessoas com uma Imagem Corporal Negativa e distante do objetivo de sentirem-se pertencentes ao padrão corporal eleito pela sociedade como modelo a ser alcançado.

Cumprido ressaltar que, no desenvolvimento da imagem corporal, tanto os aspectos biológicos, quanto os emocionais, interpessoais, libidinais, e culturais entre outros, têm influência entre si, não sendo possível destacar um em detrimento de outro.

A valorização do movimento como uma possibilidade integradora da imagem corporal é outro ponto de intercessão entre Tavares (2003) e Schilder (1999) que chama atenção. A autora ainda destaca o papel do profissional no desenvolvimento de uma imagem corporal positiva.

Dessa forma, o professor de Educação Física, por estar diretamente relacionado ao movimento, deve buscar conhecer o constructo da imagem corporal em sua complexidade. Para Tavares (2003), esse conhecimento possibilitaria uma intervenção corporal que facilitaria o desenvolvimento do ser humano de forma integral, ampliando as suas relações com o mundo. Assim, a autora esclarece:

Trabalhar com o foco direcionado para a imagem corporal nos obriga a aceitar a subjetividade, mergulhar em fenômenos complexos e aceitar que nossa intervenção pode interferir no processo de desenvolvimento, facilitando-o ou prejudicando-o. Através de uma compreensão profunda da imagem corporal poderemos nos tornar mais aptas a propor intervenções diversificadas convergindo para um ponto comum: o processo de diferenciação e integração da identidade e da imagem corporal (TAVARES, 2003, p.26).

Portanto, o aprofundamento neste tema aponta para a necessidade de romper barreiras enraizadas no modo de observar e atuar em relação ao ser humano. Para isto, torna-se imprescindível buscar a dimensão simbólica do

corpo/movimento humano em detrimento da dimensão da eficiência supervalorizada até os dias atuais. Este aprofundamento é condição para uma atuação segura e efetiva em relação a este tema por parte dos profissionais de Educação Física.

Segundo Tavares (2003) a incorporação deste tema às aulas de Educação Física deve ocorrer desde a pré-escola, tendo em vista que, como coloca Schilder (1999), a imagem corporal é (re)construída durante toda a vida. Porém, os excessos gerados na busca deste corpo perfeito são mais facilmente percebidos dentre a população jovem e adolescente (DI PIETRO; SILVEIRA, 2009).

Assim, este estudo pretende levantar os sentimentos e atitudes em relação ao corpo de estudantes do Ensino Médio da cidade de Juiz de Fora – MG. Para que isto seja possível, faz-se imprescindível uma compreensão acerca desta fase do desenvolvimento humano denominada adolescência. Prossegue-se então, na busca pelo embasamento teórico deste estudo, objetivando que melhor compreensão sobre a adolescência.

3.3 ADOLESCÊNCIA

Neste capítulo pretende-se discutir a respeito do conceito sobre a adolescência, e também sobre as intercorrências comuns a esta etapa da vida. Assim, busca-se a definição do termo tomando as dimensões psicobiológica, histórica, política, econômica social e cultural, através das contribuições de diversos pesquisadores tais como: Zagury (1996), Luz (1993), Marques e Cruz (2000), Abramo (1994), Monteiro (1999), Papalia & Olds (2000), Carreia Filho (2005).

Tendo estes pontos esclarecidos, torna-se possível analisar diversas questões relacionando-as à formação da auto-imagem nos adolescentes e às relações que estes estabelecem com seu corpo.

Adolescência, do latim *adolescere*, que significa crescer. Segundo dados do censo demográfico do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) de 2000, esse grupo corresponde a 20,78% da população do país. Esta fase da vida pode ser definida em suas dimensões psicobiológica, histórica, política, econômica, social e cultural.

O conceito utilizado pela Organização Mundial de Saúde (OMS, 1965), refere-se principalmente à dimensão biológica da adolescência. Assim, define esta faixa etária que compreende dos 10 aos 19 anos, como um momento da vida caracterizado por mudanças físicas aceleradas, que são influenciadas por fatores hereditários, ambientais, nutricionais e psicológicos e também diferem do crescimento e desenvolvimento ocorridos na infância. No Brasil, o Estatuto da Criança e do Adolescente - 1990, lei 8069 de 13/07/1990 - estabelece outra faixa etária: dos 12 aos 18 anos, e também tende a considerar esta classificação segundo um ponto de vista biológico (ECA, 2007).

Zagury (1996) reforça a dimensão psicobiológica da adolescência e a caracteriza como a transição entre infância e a juventude. Para a autora, trata-se de um momento do desenvolvimento com características muito próprias, como a ocorrência de conflitos, necessidade de afirmação, mudanças físicas e psicológicas, associadas à impaciência e à irresponsabilidade.

Porém, Luz (1993) atenta-nos para o fato de que esta imaturidade não deve ser vista apenas como uma determinação por aspectos psicobiológicos, mas também, por interesses políticos e/ou econômicos. A própria ordem social constituída define o *status*, o papel e as possibilidades de integração do adolescente, classificando-o como imaturo e considerando-o como um “cidadão completo” apenas aos vinte e um anos.

Marques e Cruz (2000, s/p) acrescentam o fato de que:

A adolescência é um momento especial na vida do indivíduo. Nessa etapa, o jovem não aceita orientações, pois está testando a possibilidade de ser adulto, de ter poder e controle sobre si mesmo.

Abramo (1994) destaca a dimensão sócio-cultural da adolescência quando a evidencia como uma etapa marcada por um sentimento de contestação,

sobretudo, no que diz respeito às transformações da ordem estabelecida. A autora expõe os movimentos contestadores como os “*punks*”, por exemplo, como uma forma peculiar de contrapor-se, onde sinaliza-se o sentimento de insatisfação e, dessa forma, faz-se uma “intervenção crítica no espaço urbano”.

Monteiro (1999) reflete sobre o fato de que a adolescência não deve ser compreendida como um conceito fechado e rígido, mas deve ser observada enquanto um “fenômeno plural”, intimamente ligado às condições materiais e simbólicas do meio, sendo determinado pela sociedade e sua cultura.

Segundo Papalia & Olds (2000), a adolescência compreende o período dos 12 ou 13 anos até o início dos 20 anos, tendo a puberdade, processo que leva à maturidade sexual, como marco dessa transição.

As autoras afirmam que é nessa fase, que há uma turbulência de transformações, informações, oportunidades e escolhas a serem feitas, e quando tudo o que se busca é pertencer, incluir-se, sentir-se parte daquele grupo específico que se observa talvez “o período mais intenso de todo o ciclo da vida” (Offer apud Papalia & Olds 2000, p. 310). Ainda sobre este período as autoras colocam que:

Ele oferece oportunidades de crescimento na competência, autonomia, auto-estima e intimidade. Entretanto ele também oferece vários riscos. Alguns jovens têm problemas para lidar com mudanças de uma só vez e podem precisar de ajuda para superar os períodos ao longo do caminho (Papalia & Olds 2000, p. xx).

Quanto aos aspectos psicológicos, as autoras relatam que qualquer causa que distinga o jovem do seu grupo de amigos é algo perturbador e se esta diferença é percebida em seu corpo o sofrimento pode tornar-se ainda maior, pois os corpos que apresentam diferenças do padrão ideal estabelecido pela sociedade serão corpos marginalizados. Teixeira (1997) corrobora com estas colocações ao destacar que a preocupação demasiada com sua aparência pessoal deve-se ao fato de o adolescente encontrar-se permanentemente com a sensação de “medo do ridículo”.

Para Carreia Filho (2005, p. 70) a adolescência pode ser definida como:

[...] o período da vida em que as interferências do grupo social se manifestam com maior intensidade na formação das idéias e dos rumos que serão, possivelmente, estabelecidos pelo jovem, sendo que a opinião dos membros de seu próprio agrupamento é mais considerada em suas decisões.

O autor ainda destaca que “é neste momento que são desenvolvidos os conceitos de vida em sociedade e suas íntimas relações com os aspectos mais controvertidos de nossa convivência.” (2005, p. 70). Assim, sobressai neste momento a atitude que o jovem tem perante a opinião dos outros e a pressão da sociedade sobre “sua auto-imagem e a visão individual e coletiva” (2005, p. 70).

A fixação dos modelos sociais impostos culturalmente como padrões a serem seguidos, encontram nesta etapa do desenvolvimento humano solo fértil, dessa forma:

A popularidade almejada e valorizada no grupo social dos adolescentes determina, de inúmeras formas e intensidades, ações em busca da afirmação enquanto membro do grupo e aceito por ele em função da adequação de seus corpos às exigências do padrão social culturalmente determinado. (Ibid, 2005, p. 70-71)

No que diz respeito à formação da imagem corporal nos adolescentes, Teles (2001) chama atenção para o fato de que:

[...] é preciso haver uma retificação completa de sua auto-imagem. Ele precisa encontrar-se e afirmar-se. Esta é para ele uma questão de sobrevivência, como um indivíduo; ele condensa as forças agressivas em torno de um objetivo: auto afirmar-se. (p.123-4)

Portanto, “a auto-imagem, que se constrói a partir de determinadas características libidinais, é, ainda, alvo das padronizações de corpo difundidas na atualidade, principalmente na adolescência e isto, muitas vezes torna-se um problema” (AMARAL et al 2007, p.42).

O estudo da imagem corporal de adolescentes vem há algum tempo merecendo a atenção de pesquisadores de áreas como Psicologia, Medicina, Nutrição, Educação Física, entre outras (ROSEN, 2003; VILELA, et al, 2004; ANDRADE et al, 2007; AMARAL, et al 2007; ALVES et al, 2008; FERRANDO et al,

2002; RODRIGUES E CRUZ, 2008; CONTI, FRUTUOSO E GAMBARDELLA, 2005; CONTI, 2002 e 2008; BRANCO, HILÁRIO E CINTRA, 2006; FARIA, 2005; PETROSKI; VELHO; BEM, 1999; entre outros). Isso acontece, pois vem se percebendo que esta é, talvez, a faixa etária mais susceptível às influências da cultura, principalmente no que se refere à busca frenética do corpo ditado como ideal.

Prega-se a cultura do corpo belo, magro, sarado, entre outras formas que, na maioria das vezes, são inatingíveis. Na verdade, prega-se a cultura da insatisfação, da obsolescência programada.

Repleta de sentidos e significados, a poesia de Carlos Drummond de Andrade (1984) - incrivelmente atual - retrata essa nova identidade:

Em minha calça está grudado um nome/que não é meu de batismo ou cartório,/um nome [...] estranho./Meu blusão traz lembrete de bebida/que jamais pus na boca, nesta vida./Em minha camiseta, a marca do cigarro/que não fumo, até hoje não fumei./ [...] Estou na moda.[...]/Com que inocência demito-me de ser/eu que antes era e sabia/tão diverso de outros, tão mim -mesmo,/ser pensante, sentinte e solidário/com outros seres diversos e conscientes/de sua humana, invencível condição [...] /Onde terei jogado fora/meu gosto e capacidade de escolher,/minhas idiosincrasias tão pessoais,/tão minhas que no rosto se espelhavam,/e cada gesto, cada olhar,/cada vinco da roupa/resumia uma estética?/Por me ostentar assim, tão orgulhoso/de não ser eu, mas artigo industrial/peço que meu nome retifiquem./Já não me convém o título de homem./Meu novo nome é coisa./Eu sou a coisa, coisamente.

Na medida em que o corpo desejado, para a maioria das pessoas, é algo distante, surgem os meios inapropriados de se chegar a ele. Tão logo o adolescente ou o jovem percebe que o corpo que eles consideram como padrão a ser atingido está longe do seu alcance, surge a condição ideal para o aparecimento de transtornos psíquicos, tais como depressão, bulimia, anorexia, dismorfia muscular etc. (NUNES et al., 2001; STICE et al., 2000).

Segundo Rosen (2003) os transtornos alimentares em adolescentes e crianças têm aumentado e são cada vez mais precoce. Já que “Na puberdade, ocorrem mudanças biológicas e morfológicas que podem ser vividas pelo

adolescente como perturbadoras” (COBELO, 2008, p.28). Corroborando com esta questão, Guelar e Crispo (2000) expõem que estas modificações corporais tendem a despertar sentimentos de estranheza e insatisfação no adolescente.

Cobelo (2008, p. 28) ainda acrescenta que “Dentro de um enfoque psicanalítico, o adolescente vivencia um verdadeiro processo de luto pela perda do corpo e das condições infantis, o que lhe provoca angústia pela busca incessante de uma identidade adulta”.

De acordo com Carreira Filho (2004, s/p), "Nunca existiu uma sociedade cobrando tanto do adolescente uma referência de corpo que, na verdade, é inatingível". Esta afirmativa parte da constatação de dados alarmantes obtidos em seu estudo.

O autor realizou investigação epidemiológica sobre a prevalência do uso de substâncias químicas com objetivo de modelagem corporal entre adolescentes de 14 a 18 anos, de ambos os sexos, do município de São Caetano do Sul. Nesta pesquisa verificou-se um número significativo de jovens – 61,64% dos entrevistados - que declararam ter feito uso de técnicas ou substâncias químicas com finalidade de modelagem corporal.

Constata-se também que a atividade física não é condição na adoção dessas técnicas e substâncias, “estando esses comportamentos atrelados a necessidades de modelagem corporal que atenda às exigências culturais presentes na sociedade brasileira” (CARREIRA FILHO, 2005, p.xxxi). Segundo ele:

A adoção de comportamentos de risco, com a utilização de substâncias químicas, está intimamente relacionada com o nível de insatisfação dos adolescentes com características corporais específicas de cada sexo e presentes no momento da pesquisa (p.193).

Talvez por isso os transtornos dismórficos corporais e os transtornos alimentares sejam cada vez mais comuns em nossa sociedade. Estamos doentes, e a distorção da auto-imagem é hoje um problema de saúde pública.

A distorção da percepção corporal, ou seja, superestimar ou subestimar o tamanho e/ou forma do corpo, não constitui

característica particular de adolescentes que desenvolvem algum tipo de transtorno alimentar, uma vez que se torna cada vez mais presente na dinâmica vivencial dos indivíduos dessa faixa etária. Fatores sociais, influências socioculturais, pressões da mídia e a busca incessante por um padrão de corpo ideal associado às realizações e felicidade estão entre as causas das alterações da percepção da imagem corporal, gerando insatisfação em especial para indivíduos do gênero feminino.(CONTI, 2005)

Segundo grande número de estudiosos, a prevalência dos transtornos alimentares vem aumentando significativamente nos últimos anos, ocorrendo entre 1% e 4% (MIRANDÉ, CELADA e CASAS, 1999; SZMUKLER, 1985; THEANDER, 1970; WILLI e GROSSMAN, 1983; JONES et al, 2001).

Apesar de a maioria dos autores, apontarem maior incidência dos transtornos da alimentação nos países industrializados, diversos pesquisadores demonstram que os transtornos já fazem parte dos problemas de saúde pública de países em desenvolvimento. (OYEWUMI e KAZARIAN, 1992; WLODARCZYK-BISAGA e DOLAN, 1996; LEE et al., 1998; GHAZAL et al., 2001)

Autores como Buttom et al. (1997), Taylor e Cooper (1986) afirmam a associação de comportamentos alimentares anormais e as práticas inadequadas de controle de peso à insatisfação pessoal e à baixa auto-estima, sendo comumente observada através da expressão de insatisfação com o peso corporal.

Com base na afirmação de diversos estudiosos, dentre eles Ballone (2002), Russo (2005) e Featherstone (1991), percebe-se um paradoxo em meio a tantas informações. Os referidos autores enfatizam o fato de o conceito de juventude estar diretamente associado ao da beleza. A juventude é o objeto de desejo das pessoas que buscam sentir-se incluídas nas sociedades ocidentais então, por que os jovens estariam sendo apontados como uma população tão insatisfeita com seus corpos a ponto de serem observados entre eles um nível de doenças psíquicas produzidas por esta obsessão em relação ao corpo?

Responder a esta questão não é tão simples assim, porém as colocações de Fernandes (2003) talvez possam apontar o caminho. A autora chama atenção para o fato de que “O corpo está em alta! Alta cotação, alta produção, alto investimento... Alta frustração” (pág.13).

A chave do sucesso desta dinâmica da insatisfação corporal da sociedade ocidental talvez resida não exatamente na juventude, mas especificamente na frustração. Assim, este complexo sistema necessita da constante sensação de não sentir-se incluído, porém é possível almejar uma outra realidade.

Freitas (2004) coloca também no corpo a responsabilidade desta corrida na contramão. A autora o elege como o instrumento capaz de possibilitar a criticidade em relação a esses padrões aos quais todos estão expostos quando esclarece que:

Toda consciência se dirige para um mundo, no qual ela se reencontra, ao conferir-lhe um significado. O corpo é o que possibilita a dialética da consciência e do mundo; ele é o que torna viável a presença de um sujeito intencional e a consciência é o que permite que o corpo se torne um corpo vivo, um corpo humano, um corpo no mundo. A consciência corporal é o pivô de todas as dialéticas (p.46).

Russo (2005, p.89) acrescenta:

A consciência de si baseada no reconhecimento da própria imagem, incluindo seus aspectos fisiológicos, sociais e afetivos, é um caminho promissor para a transformação do corpo-objeto em um corpo-sujeito no contexto de uma vida social significativa e prazerosa.

Propõe-se uma mudança de paradigma, e para isto, se faz necessário um mergulho profundo neste universo onde se observa o indivíduo como um ser em constante (re)construção, para que se compreenda nas entrelinhas esta epidemia, originada pela ditadura da beleza afim de oferecermos a esses jovens a possibilidade de exercerem verdadeira autonomia.

Define-se no capítulo subsequente a abordagem metodológica do presente estudo.

4. METODOLOGIA

A tomada de decisão em relação às formas de abordagem de um estudo mostra-se decisiva quanto ao grau de compreensão desejado em relação ao problema a se investigar. A descrição do “olhar científico” que ampara um estudo se faz necessária na medida em que se concorda que o “conhecimento é parcial e limitado” e que “nenhuma pesquisa é totalmente controlável” (GOLDEMBERG, p.13, 2001).

Ao estudar questões relativas ao indivíduo, compreendendo-o em suas dimensões bio-psico-sociais percebe-se que o entendimento dos fenômenos sociais exige que o pesquisador não apenas os observe como eventos autônomos, mas que os compreenda de acordo com o tempo e espaço.

O mergulho nas questões relacionadas ao Corpo e à Imagem Corporal remete a uma compreensão ampla e multidimensional percebendo, dessa forma, ser possível, como aponta Tavares (2003), identificar alguns aspectos pertinentes ao estudo, intervindo significativamente, porém tendo claro o grau de complexidade que traz o entendimento de que a idéia de totalidade de conhecimento seja improvável. Nosso desafio, portanto, é o de compreender o possível, buscando uma intervenção significativa.

Ao realizar a avaliação de um componente relativo à Imagem Corporal, deve-se estar atento a algumas questões, pois esta é uma avaliação sobre o subjetivo e a escolha de um caminho equivocado pode levar ao fracasso da pesquisa. Thompson (2004) é enfático ao alertar para a necessidade de o pesquisador ser bem específico na dimensão que pretende focar ao avaliar a Imagem Corporal. O autor ainda determina a importância de se verificar a validade dos instrumentos para a população investigada, dando preferência à utilização dos mesmos quando validados para a população alvo de sua pesquisa.

Apropriando-se destes ensinamentos, descreve-se a seguir os procedimentos metodológicos adotados.

4.1 DELINEAMENTO DO ESTUDO

O estudo é do tipo transversal, com coleta de dados primários.

4.2 LOCAL

O presente estudo foi realizado na cidade de Juiz de Fora. Esta é uma cidade localizada na Zona da Mata Mineira, com território total de 1.436,85 km². Sua população é de 513.348 habitantes. (IBGE, 2007).

4.3 POPULAÇÃO E AMOSTRA

Segundo dados apresentados pelo IBGE (2007), Juiz de Fora possui dentre a população com faixa etária entre 15 e 19 anos, aproximadamente 21.077 homens e 21.531 mulheres como pode ser observado a seguir.

Tabela 1: Distribuição da população do município em função da idade e sexo

Faixa etária	População masculina	População feminina
0-4	17.722	17.305
4-9	18.884	18.144
10-14	19.831	19.348
15-19	21.077	21.531
20-24	20.536	20.936
25-29	16.959	18.223
30-34	17.193	18.978
35-39	17.651	19.920
40-44	16.110	18.591
45-49	13.257	15.720
50-54	10.952	12.401
55-59	7.469	9.784
60-64	6.441	8.019
65-69	5.110	6.796
70-74	3.918	5.957
75-79	2.183	3.744
80-84	1.278	2.378
85-89	569	1.024
90-94	216	438
95-99	0	55
TOTAL	21.077	21.531

Fonte: O autor (2009)

De acordo com o IBGE (2007), dos 104.474 alunos matriculados na pré-escola, ensino fundamental e ensino médio das escolas públicas e privadas da cidade, 19,4% encontram-se matriculados na última etapa escolar, totalizando 20.270 alunos.

Ainda segundo dados obtidos pelo IBGE (2007), Juiz de Fora conta com 12,2% de suas escolas dedicadas ao Ensino Médio, sendo 19,1% dos docentes também dedicados a esta fase do ensino. Na tabela 2 é possível perceber a distribuição dos docentes nas escolas por nível de escolaridade, bem como o número de escolas e matrículas.

Tabela 2: Distribuição de docentes, escolas e matrículas por nível de escolaridade

	Docentes por série		N° de escolas		Matrículas por série	
Ensino Fundamental	67,7%	4.790	46,3%	212	70,5%	73.677
Pré-escola	13,2%	933	41,5%	190	10,1%	10.527
Ensino Médio	19,1%	1.351	12,2%	56	19,4%	20.270

Fonte: O autor (2009)

O número de alunos matriculados no Ensino Médio segundo o IBGE (2007) mostrou-se diferente do divulgado pelo Censo Escolar 2006⁸, realizado pela Secretaria Regional de Ensino de Juiz de Fora (SRE/JF), onde apresentou um total de 20.713 alunos nesta etapa do ensino, 443 alunos a mais do que o divulgado pelo IBGE (2007).

Para o cálculo amostral tomou-se como base os valores divulgados pelo Censo Escolar 2006, já que é estratificado por série, sexo e escola. Na tabela abaixo é possível observar o resumo destes dados, demonstrados por completo no ANEXO 1.

Tabela 3: Resumo da tabela do Censo Escolar 2006

DEPENDENCIA ADMINISTRATIVA (DA)	MASCULINO				FEMININO				Total de Matrículas por Escolas
	1ª Série	2ª Série	3ª Série	Total por DA e por sexo	1ª Série	2ª Série	3ª Série	Total por DA e por sexo	
PARTICULAR	1.113	1.006	1.252	3.391	1.262	1.179	1.377	3.818	7.209
ESTADUAL	2.705	1.978	1.508	6.191	2.937	2.400	1.976	7.313	13.504
TOTAL POR SÉRIE	3.818	2.984	2.760		4.199	3.579	3.294		
TOTAL POR SEXO	9582				11131				
TOTAL DE ALUNOS									20.713

Fonte: O autor (2009)

Segundo dados do Censo Escolar 2006 realizado pela SRE/JF, Juiz de Fora conta com 55 escolas que oferecem o curso do Ensino Médio, totalizando

⁸ Vale destacar que somente os dados do CENSO ESCOLAR 2006 estavam disponíveis no momento em que realizou-se o plano amostral deste estudo (junho/julho 2008).

20.713 alunos matriculados. Destes, 11.131 (54%) são do sexo feminino e 9582 (46%) do sexo masculino.

Do total das 55 escolas, 24 (44%) pertencem à rede particular totalizando 7.209 (34,8%) alunos matriculados, e 31 (66%) à rede estadual de ensino, com 13.504 alunos (65,2%). Dos alunos da rede particular, 3.818 (53%) são do sexo feminino e 3.391 (47%) do masculino. Já na rede pública 7.313 (54%) são meninas e 6.191 (46%) são meninos. A tabela 4 refere-se à distribuição percentual dos alunos matriculados no ensino médio segundo a série e sexo em cada tipo de escola.

Tabela 4: Distribuição percentual dos alunos do ensino médio de Juiz de Fora por série e por sexo

Rede Particular de Ensino					
1° ANO		2° ANO		3° ANO	
M	F	M	F	M	F
5,5%	6,1%	4,9%	5,7%	6%	6,6%
Rede Estadual de Ensino					
1° ANO		2° ANO		3° ANO	
M	F	M	F	M	F
13,1%	14,2%	9,6%	11,6%	7,3%	9,5%

Fonte: O autor (2009)

Estes dados serão de fundamental importância para o cálculo da amostra selecionada neste estudo e para isto utilizou-se o Plano Amostral detalhado a seguir.

4.3.1 Plano Amostral

O Plano amostral foi dividido em duas etapas: o cálculo amostral e a técnica de amostragem.

- Cálculo Amostral

Como não há dado epidemiológico de quantas pessoas anualmente declaram-se insatisfeitas com seu corpo, até mesmo porque esta condição não é caracterizada como uma doença, esta característica não nos permite calcular a amostra da pesquisa com base na incidência destes comportamentos na população. Portanto, o cálculo amostral foi realizado utilizando como base os dados fornecidos pelo Censo Escolar 2006 realizado pela SRE/JF.

Considerando como dimensão do universo do estudo 20713 discentes, recorreu-se à tabela apresentada por Udinsky (1971, apud DIAS, FLEGNER e SILVA p.77, s/d) para identificação da amostra, que sugere um número absoluto de 377 sujeitos. Este cálculo confirmou-se ao utilizar-se o recurso do software *Stats V1.1 Decision Analyst, Inc* no qual ficou estimada uma amostra de 378 alunos, e considerou-se um nível de confiança de 95% e margem de erro de 3%.

Tabela 5: Tabela de Udinsky - amostra necessária em relação aos universos

N	S	N	S	N	S	N	S	N	S	N	S	N	S	N	S	N	S
10	10	65	56	140	103	250	152	420	201	850	265	1800	317	5000	357		
15	14	70	59	150	108	260	155	440	205	900	269	1900	320	6000	361		
20	19	75	63	160	113	270	159	460	210	950	274	2000	322	7000	364		
25	24	80	66	170	118	280	162	480	214	1000	278	2200	327	8000	367		
30	28	85	70	180	123	290	165	500	217	1100	285	2400	331	9000	368		
35	32	90	73	190	127	300	169	550	226	1200	291	2600	335	10000	370	75000	382
40	36	95	76	200	132	320	175	600	234	1300	297	2800	338	15000	375	100000	384
45	40	100	80	210	136	340	181	650	242	1400	302	3000	341	20000	377		
50	44	110	86	220	140	360	186	700	248	1500	306	3500	346	30000	379		
55	48	120	92	230	144	380	191	750	254	1600	310	4000	351	40000	380		
60	52	130	97	240	148	400	196	800	260	1700	313	4500	354	50000	381		

Fonte: Udinsky (1971, apud DIAS, FLEGNER e SILVA, p.77, s/d)

N- População
S- Amostra

- Técnica de Amostragem

A técnica de amostragem foi dividida em duas etapas:

1ª etapa – Definição dos estratos de acordo com dados da população fornecidos pelo Censo Escolar 2006. A estratificação da amostra seguiu os seguintes parâmetros:

→ Escola pública e privada;

→ Sexo;

→ Faixa de escolaridade.

2ª etapa – Seleção das escolas

Inicialmente as 24 escolas da rede particular de ensino foram convidadas a participar da pesquisa, porém apenas 7 concordaram com esta participação. A partir deste valor, calculou-se proporcionalmente o número de escolas públicas que deveriam participar do estudo, chegando ao numeral de 9 escolas das 31 existentes. As escolas públicas foram então selecionadas aleatoriamente por meio de sorteio, já que houve maior facilidade em sua participação.

4.3.2 Pulverização da Amostra

A partir da amostra adotada de 378 alunos e da definição da participação de 16 escolas sendo 7 (44%) da rede particular de ensino e 9 (66%) da rede pública - atendendo a proporção entre os tipos de escola - seguiu-se sua pulverização buscando respeitar a proporcionalidade de alunos existentes em cada série de cada tipo de escola, como descrito anteriormente na tabela 4.

Na tabela 6 é possível observar esta distribuição proporcional à da população geral através da comparação entre os números relativos à população e à amostra:

Tabela 6: Comparação entre os números relativos à população e à amostra

População (P.)	20.713	Total de alunos das escolas públicas	P.	13.504(65%)	Total de meninos	P.	6.191(46%)			
			A.	246(65%)		A.	113(46%)			
			Amostra (A.)	378	Total de alunos das escolas particulares	P.	7209(35%)	Total de meninas s	P.	3.391(47%)
						A.	132(35%)		A.	62(47%)
						P.	3.818(53%)			
						A.	70(53%)			

Fonte: O autor (2009)

4.4 INSTRUMENTO

No que diz respeito aos instrumentos de avaliação da Imagem Corporal, têm-se hoje disponíveis alguns exemplares validados e capazes de realizar estes tipos de avaliação. Esses instrumentos encontram-se divididos em duas categorias: a de avaliações perceptivas e a de avaliações atitudinais (STEWART, et al, 2001).

Neste estudo pretendeu-se focar o componente atitudinal da imagem corporal da população de jovens do Ensino Médio da cidade de Juiz de Fora. Para isto, o estudo terá seu foco na medida da insatisfação corporal desses adolescentes. Segundo Gardner (2004) e Thompson e Van Den Berg (2004) esta é a medida mais comum deste componente, na dimensão representante da categoria da medida global subjetiva.

Segundo Schilder (1999), a imagem corporal é destruída pela insatisfação profunda. A insatisfação, porém, não é uma questão facilmente observada objetivamente, já que podemos caracterizá-la como um estado psicológico. Todavia, devido à necessidade acadêmica e prática de mensurá-la, a comunidade científica tem procurado desenvolver escalas para medi-la. Assim, através destes instrumentos, ela pode ser observada objetivamente.

Thompson e Van Den Berg (2004, p.145) apontam o BSQ (ANEXO 2) como um dos possíveis instrumentos para investigar a dimensão da insatisfação corporal, denominada por eles como “Global subjective dissatisfaction or disturbance”⁹. Já Freitas, Gorenstein e Appolinario (2002) evidenciam a facilidade de aplicação, eficiência e economia na avaliação de grande população.

Tendo em vista sua aplicabilidade, este instrumento foi utilizado no presente estudo com o objetivo de mensurar as preocupações e a satisfação com a forma do corpo entre os adolescentes. O BSQ foi elaborado originalmente por Cooper et al. em 1987 e validado para uma população de universitários brasileiros por Di

⁹ Insatisfação subjetiva global ou perturbação (tradução livre).

Pietro (2002), mantendo as características da escala original - consistência interna medida através do alfa de Cronbach de 0,97.

. Trata-se de um questionário auto-aplicativo com 34 perguntas, referentes ao estado dos entrevistados nas últimas quatro semanas. Cada questão apresenta seis possibilidades de respostas: 1) Nunca, 2) Raramente, 3) Às vezes, 4) Frequentemente, 5) Muito frequentemente e 6) Sempre.

De acordo com Di Pietro (2002), a partir da pontuação total (ESCORE) obtida no BSQ, são estabelecidas quatro categorias segundo os níveis de preocupação com a imagem corporal, a saber: somatória menor ou igual a 110 indica **nenhuma de preocupação com a imagem corporal**; somatória maior que 110 e menor ou igual a 138 indica **leve preocupação com a imagem corporal**, somatória maior que 138 e menor ou igual a 167 indica **moderada preocupação com a imagem corporal**, e pontuação maior ou igual a 168 indica **grave preocupação com a imagem corporal**.¹⁰

4.5 COLETA DE DADOS

4.5.1 Procedimentos éticos

O projeto desta pesquisa foi submetido ao Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da UFJF, sendo aprovado em 14/12/2006 conferindo-lhe nº 946.252.2006.

Desta forma, comprometeu-se a respeitar os aspectos éticos envolvidos, garantindo o sigilo quanto à identificação dos sujeitos e das escolas participantes da pesquisa. Assim, foi assegurado o esclarecimento dos objetivos, dos métodos e o espaço para realizar perguntas de esclarecimento de alguma dúvida particular e de obter os resultados do estudo na íntegra, caso fosse de seu interesse.

¹⁰ Grifos nossos.

Em contrapartida a sua participação voluntária, o sujeito poderia retirar em qualquer momento seu consentimento e obter de volta o(s) questionário(s) por ele respondido(s).

4.5.2 Procedimentos para a coleta de dados

Para a coleta de dados contou-se com a participação de duas bolsistas de iniciação científica (BIC/PIBIC), que receberam treinamento adequado ao procedimento junto à pesquisadora e a professora orientadora deste estudo.

A aplicação do instrumento foi realizada nas escolas participantes em horários estipulados por seus dirigentes. Os alunos participantes de cada escola pesquisada respondiam ao questionário na mesma data e local.

O primeiro passo, adotado como padrão, foi garantir aos participantes o sigilo quanto à identificação e assegurar o esclarecimento dos objetivos e métodos, em seguida foi definido o espaço para realizar perguntas de esclarecimento de alguma dúvida particular. Posteriormente foi esclarecido que, caso fosse de seu interesse, era garantido o direito de retirar em qualquer momento o consentimento e obter de volta o questionário por ele respondido.

Na segunda etapa do procedimento de coleta dos dados, os entrevistados recebiam o questionário BSQ e o respondiam individualmente. Os participantes logo que respondiam ao questionário, o entregavam à pesquisadora que o arquivava junto aos demais.

Cumpram-se os critérios que nortearam a seleção/inclusão dos sujeitos da pesquisa: ter entre 15 e 18 anos e estar regularmente matriculado no curso de Ensino Médio das escolas participantes do estudo. Dois critérios de exclusão foram adotados: estar ausente no dia da coleta de dados; recusar participar livremente da pesquisa.

A realização deste estudo pode ser classificada como de risco ou dano mínimo à escola ou ao indivíduo participante, já que as questões apresentadas colocam os sujeitos em situações como as do cotidiano.

4.6 VARIÁVEIS DE ESTUDO

- Prática de atividades físicas
- Sexo
- Tipo de escola

4.7 TRATAMENTO DOS DADOS

As informações foram processadas e analisadas pela construção de banco de dados no programa SPSS v.16.0 *for Windows*. Para tanto, a tabulação dos dados se deu da seguinte maneira: de acordo com a resposta marcada, o valor do número correspondente à opção estabelecida foi computado como ponto para a questão (por exemplo: *nunca* = um ponto).

O total de pontos obtidos no instrumento (ESCORE) foi somado e o valor computado para cada avaliado. Assim, como proposto por Di Pietro (2002), a classificação dos resultados foi realizada através deste valor e refletiu os níveis de preocupação com a imagem corporal. Na tabela 7 pode-se observar a interpretação deste instrumento de acordo com os escores.

Tabela 7: Interpretação do BSQ

NENHUMA preocupação com a imagem corporal	≤ 110
LEVE preocupação com a imagem corporal	>110 ≤ 138
MODERADA preocupação com a imagem corporal	>138 ≤ 167
GRAVE preocupação com a imagem corporal	≥168

Fonte: o autor (2009)

Posteriormente, os escores obtidos foram analisados segundo suas médias e a distribuição dos percentuais ocorridos para cada nível de preocupação proposto pelo BSQ. Os dados ainda foram tratados de modo a observar as questões de maior e menor média de escore. Desse modo, as análises do escore total, do escore por questão e da distribuição percentual foram realizadas através do cruzamento com as variáveis estudadas, a saber: sexo, série, tipo de escola e prática de atividades físicas.

Ainda foi possível analisar a frequência relativa das respostas dadas pelos participantes por questão do BSQ, segundo sexo e tipo de escola, observando os percentuais alcançados em duas subdivisões, a saber: menor frequência de incidência do comportamento (agrupando as respostas nº1, 2 e 3) e maior frequência (agrupando as respostas 4, 5 e 6 de cada questão).

Nesta pesquisa, o estudo das variáveis foi realizado inicialmente através de técnicas estatísticas e, para complementar, feita a análise descritiva. O *Test T*, com nível de significância de 95% ($p < 0,05$), foi utilizado a fim de se verificar a existência de diferenças estatisticamente significativas. A interpretação dos dados se deu de forma a analisá-los estatisticamente, além de abordá-los de maneira descritiva.

5. ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Este estudo, com caráter epidemiológico, realizado nas escolas públicas e privadas do município de Juiz de Fora, no período de agosto a novembro de 2008, contou com a participação final de 378 alunos como amostra, estratificados de acordo com as características da população.

Um dado numérico que merece destaque na população refere-se à distribuição dos alunos, a qual se observa que o total de matriculados na rede pública (13.504) é quase o dobro de alunos da rede particular de ensino (7.209). Outra questão relevante é o fato de as meninas serem maioria tanto na rede privada (53%) quanto na pública (54%).

Dentre os participantes, 246 pertenciam a rede pública e 132 à rede privada de ensino, correspondendo respectivamente, a 65% e 35% do total da amostra. A média de idade entre os alunos foi de $16,67 \pm 1,163$ anos.

Em seguida, apresenta-se a análise dos dados segundo a média dos escores obtidos pelos participantes em função das variáveis estudadas (prática de atividades físicas, sexo e tipo de escola). Posteriormente, esta análise será realizada com base na distribuição percentual destes escores. Enfim, será possível um olhar mais abrangente do instrumento utilizado através de um panorama holístico sobre as questões que tiveram média de escores maiores ou menores. Complementando esse olhar e finalizando a análise e discussão dos resultados obtidos por este estudo, será realizada a análise da frequência relativa das respostas dos participantes por questão do BSQ.

5.1 ANÁLISE SEGUNDO A MÉDIA DOS ESCORES

Ao analisar a insatisfação corporal dos jovens participantes deste estudo a partir da classificação das médias dos escores proposta por Di Pietro (2002),

verifica-se que as pontuações obtidas sugerem que os alunos não possuem insatisfação com seus corpos, já que essas são inferiores a 110 pontos.

Numa primeira análise, esses dados parecem contradizer a literatura que afirma que a insatisfação com a imagem corporal tem atingido números expressivos (ROSEN, 2003). Porém, é preciso enfatizar que, segundo Di Pietro (2002) os escores inferiores a 110 pontos são observados na maior parte da população não clínica. Pontuações classificadas nos maiores níveis de preocupação com o corpo são observadas em pessoas com traços sugestivos de transtornos dismórficos corporais e transtornos alimentares.

Na tabela a seguir é possível visualizar a distribuição das médias dos escores de acordo com as variáveis estudadas.

Tabela 8: Distribuição das médias dos escores em função das variáveis estudadas

MÉDIA GERAL DOS ESCORES	67,48 ± 30,293	SEXO	F	80,72 (± 32,286)					
			M	53,86 (± 20,963)					
		TIPO DE ESCOLA	Particular		62,70 (±27,724)	F	88,89 (± 33,182)		
						M	61,32 (± 26,071)		
			Pública		75,42 (±32,733)	F	75,77 (± 30,842)		
						M	49,21 (± 15,427)		
		ATIVIDADES FÍSICAS	Praticantes		62,84 (±26,903)	F	80,94 (±31,033)	Escolas Particulares	89,90±34,045
								Escolas Públicas	77,25±29,263
					M	53,20 (±18,533)	Escolas Particulares	60,19±22,208	
							Escolas Públicas	48,59±13,998	
			Não praticantes		74,90 (±33,789)	F	80,69 (±33,424)	Escolas Particulares	88,42±33,150
								Escolas Públicas	74,58±32,641
					M	57,19 (±29,055)	Escolas Particulares	69,90±41,418	
							Escolas Públicas	51,41±19,978	

Fonte: O autor (2009)

Ao analisar os dados da tabela 8, verifica-se haver diferença significativa ao comparar os escores médios obtidos por cada sexo. Sendo assim, as meninas são

significativamente mais insatisfeitas com seus corpos do que os meninos ($p < 0,05$). Esta diferença também mostra-se estatisticamente significativa ($p < 0,05$) quando é comparado as médias dos escores dos alunos das escolas públicas e particulares, demonstrando haver maior preocupação com o corpo dentre os alunos das escolas particulares.

A diferença das médias dos escores é novamente significativa segundo o *Test T* ao considerar as variáveis: sexo e tipo de escola. Desta forma, é possível afirmar que a insatisfação com o corpo é significativamente superior entre as meninas e os meninos das escolas particulares, quando analisados os dados referentes a cada sexo.

Quando observados os escores médios referentes à prática de atividades físicas, verifica-se que a insatisfação corporal entre os não praticantes mostra-se significativamente superior ($p < 0,05$) à dos praticantes de exercícios físicos. Porém, quando se compara as médias dos escores entre meninas praticantes e não praticantes de atividades físicas, percebe-se não haver diferença estatisticamente significativa segundo o *Test T*, o mesmo ocorre entre os meninos.

A comparação da média dos escores entre estudantes do mesmo sexo e tipo de escola mostrou-se não significativa em todos os casos, segundo o *Test T*, exceto na comparação entre meninos praticantes de atividades físicas nos diferentes tipos de escola. Assim, os alunos da rede particular são significativamente mais insatisfeitos ($p < 0,05$) do que os da rede pública de ensino.

5.2 ANÁLISE SEGUNDO A DISTRIBUIÇÃO PERCENTUAL DOS ESCORES

A análise dos dados torna-se mais significativa ao realizá-la a partir da distribuição percentual dos escores dos participantes.

A partir desta análise é possível observar que quando esta se refere às médias geral dos escores obtidos pelos participantes (TABELA 9), verifica-se que

10,6% dos alunos são classificados com algum grau de insatisfação. Desses, apenas 0,8% incluídos na classificação de **grave** preocupação com o corpo.

Tabela 9: Distribuição percentual geral a partir dos escores dos participantes

Nenhuma preocupação com a IC	Leve preocupação com a IC	Moderada preocupação com a IC	Grave preocupação com a IC
89,4	7,7	2,4	0,8

Fonte: O autor (2009)

Os dados são menos preocupantes que os apresentados por Andrade et al (2007) que, em investigação utilizando instrumento de avaliação da insatisfação por áreas corporais, avaliaram o nível de (in)satisfação corporal de estudantes do ensino médio de uma escola particular e de uma pública de Juiz de Fora e constataram que 67,78% dos alunos estavam insatisfeitos com pelo menos uma área corporal. Também em Minas Gerais, Vilela et al (2004) ao investigarem questões relacionadas aos transtornos alimentares em escolares com idade entre 7 e 19 anos de seis cidades do interior estudantes de escolas públicas do Ensino Fundamental e Médio, observaram 59% de insatisfeitos com sua imagem corporal. Já Luz (2003), aproxima-se dos dados apresentados pelo presente estudo ao investigar a relação com a imagem corporal entre universitários de Belo Horizonte - MG, havendo 15,3% de jovens insatisfeitos.

Em Florianópolis-SC, Alves et al (2008) constataram que 18,8% dos estudantes de escolas públicas e privadas estavam insatisfeitos com seus corpos. Já Pinheiro e Giugliani (2006) ao investigarem escolares de 8 a 11 anos da cidade de Porto Alegre-RS, verificaram uma prevalência de 82% de insatisfação - número bastante superior ao encontrado pelo presente estudo. Seguidos por Triches e Giugliani (2007) que realizaram investigação semelhante entre escolares de 8 a 10 anos de dois municípios da região sul do país, e constataram uma prevalência de 63,9% de insatisfação corporal.

Dados internacionais demonstram que a insatisfação com o corpo atinge também outras culturas. Ferrando et al (2002), ao realizarem investigação acerca do tema insatisfação corporal entre adolescentes espanholas, constataram que 22,1% destas eram insatisfeitas. Já Rodrigues e Cruz (2008) ao investigarem

estudantes latino-americanas e espanholas, verificaram que as latinas são mais insatisfeitas com seus corpos, alcançando 68,1% ausência de insatisfação e espanholas 60,4% ausência de insatisfação.

A partir do confronto dos dados deste estudo com a literatura nacional e internacional verifica-se que, quando apenas a variável insatisfação com a imagem corporal é analisada, os alunos do ensino médio do município de Juiz de Fora-MG parecem ser menos insatisfeitos.

A seguir, as variáveis: prática de atividades físicas, sexo e tipo de escola serão introduzidas nesta investigação, que parte da análise da distribuição percentual das respostas dos alunos participantes do estudo.

5.2.1 Prática de Atividades Físicas

Ao serem indagados à respeito da prática de atividades físicas, apenas 60,2% dos entrevistados responderam afirmativamente. Desses, 63% são meninos e apenas 37% são meninas. Do total de meninas entrevistadas, apenas 42% declara praticar algum tipo de atividade física, número bastante inferior ao dos meninos que se mostraram adeptos a esta prática – 79,8%.

O baixo número de praticantes de atividades físicas merece atenção. No espaço escolar 58% das meninas e 21,2% dos meninos passam despercebidos sem praticar atividades físicas sequer durante as aulas de Educação Física. Acreditar no profissional de Educação Física enquanto um facilitador para o desenvolvimento de uma imagem corporal positiva através do movimento implica em observar com atenção este fato a fim de revertê-lo.

Os dados referentes à prática de atividades físicas entre os alunos afirmam com aqueles encontrados na literatura. Vilela et al (2004) verificaram em seu estudo que 56% dos estudantes do ensino público nos níveis Fundamental e Médio do interior de Minas Gerais praticavam atividade física com a finalidade de perder peso. Silva e Malina (2000) apontaram que 41,6% dos estudantes de 14 e

15 anos do ensino público de Niterói eram sedentários e, ao compararem o nível de atividades físicas entre adolescentes cariocas destacam que os meninos são 15% mais ativos que as meninas. Bosi, Luiz e Morgado (2006) em investigação envolvendo estudantes de nutrição verificaram um percentual de 45,6% de sedentárias.

Os dados do presente estudo concordam também com os encontrados por Carreira Filho (2005), em seu estudo acerca da utilização de substâncias com objetivo de modelagem corporal em escolares do município de São Caetano do Sul, onde demonstrou que 46,91% dos adolescentes eram praticantes de atividades físicas. O autor ressalta que os meninos aderem mais a esta prática do que as meninas, já que 58,3% meninos e 34,88% meninas declaram praticar atividades físicas.

Contudo, Bosi, Luiz e Morgado (2006, p.) observam que “[...] o desejo de ter ou permanecer com o corpo magro não encontra correspondência com o perfil de prática de atividades físicas [...]”. Este fato também foi observado no presente estudo na medida em que verificou-se maior insatisfação entre os não praticantes de atividades físicas.

Esta diferença pode ser percebida ao analisar-se a distribuição dos percentuais em função da prática de atividades físicas dentre os participantes. A tabela 10 demonstra a tendência a níveis de maior insatisfação dentre os não praticantes de atividades físicas (12,8%) do que entre aqueles que a praticam (9,3%).

Tabela 10: Distribuição dos percentuais em função da prática de atividades físicas

	Nenhuma preocupação com a IC	Leve preocupação com a IC	Moderada preocupação com a IC	Grave preocupação com a IC
Praticantes de AF (60,2% da amostra)	90,7	8	0,9	0,4
Não Praticantes de AF (39,8% da amostra)	87,2	6,7	4,7	1,3

Fonte: Própria autora

Assim, pode-se considerar neste estudo um dado bastante curioso, quando a prática de atividades física é a única variável estudada: o sedentarismo surge

como influência para o aumento das preocupações dos adolescentes com o próprio corpo. Isto pode gerar inúmeras reflexões, dentre elas destaca-se a relevância que a prática de atividades físicas possui para o público adolescente. Ademais, Schilder (1999) já destacava o movimento (dança, movimentos expressivos, jogos, entre outros) como um importante facilitador do desenvolvimento pleno da imagem corporal. Pode-se entender, portanto, que a falta deste traz aos adolescentes sentimentos de insatisfação com o próprio corpo, que podem ser precursores de uma imagem corporal negativa.

5.2.2 Prática de Atividades Físicas X Sexo

Ao observar as variáveis sexo e prática de atividades físicas segundo a distribuição percentual nos diferentes níveis de classificação (TABELA 11), percebe-se que as meninas demonstram ser mais insatisfeitas com o corpo do que os meninos, independente da prática de exercícios.

Os percentuais referentes a algum nível de insatisfação mostram-se maiores entre meninas praticantes de atividades físicas (21%) do que entre as não praticantes (15,2%). Destaca-se que 7,1% das meninas não praticantes de atividades físicas estão classificadas nos maiores níveis de preocupação com o corpo, enquanto que entre as praticantes este percentual é de 3,7%.

Já entre os meninos, a insatisfação demonstra-se maior entre os não praticantes sendo 5,6% com algum nível de preocupação com a imagem corporal. Dentre os praticantes de atividades físicas, apenas 2,9% encontram-se em algum nível de preocupação com a imagem corporal.

Tabela 11: Distribuição dos percentuais em função da prática de atividades físicas e do sexo

%*	Nenhuma preocupação com a IC	Leve preocupação com a IC	Moderada preocupação com a IC	Grave preocupação com a IC
Meninas Praticantes de AF (22,1% da amostra)	79	17,3	2,5	1,2
Meninas Não Praticantes de AF (30,5% da amostra)	84,8	8	6,2	0,9
Meninos Praticantes de AF (37,6% da amostra)	97,1	2,9	0	0
Meninos Não Praticantes de AF (9,8% da amostra)	94,4	2,8	0	2,8

Fonte: Própria autora

Ferreira, Bergamim e Gonzaga (2008) ao investigarem a respeito da insatisfação corporal em bailarinas, constataram uma alta prevalência de insatisfação com o corpo, já que apenas 18,5% encontram-se satisfeitas com seus corpos. Vieira et al (2006), ao investigarem sobre a insatisfação corporal e distúrbios alimentares em atletas judocas, verificaram que muitos atletas estão insatisfeitos com seus corpos – principalmente as mulheres - mas essa insatisfação atinge principalmente a graduação leve.

A diferença com que a insatisfação com a imagem corporal atinge meninas e meninos é determinada culturalmente. A sociedade privilegia um modelo corporal cada vez mais esguio para as meninas e musculoso para os meninos. Porém, a cobrança para que atinjam o modelo corporal desejado também é diferente, na medida em que ela é maior em relação as garotas.

Ao verificar maior insatisfação dentre as meninas que praticam atividades físicas é possível pensar que a relação que os adolescentes estabelecem com esta prática também se faz de modo diferente entre os sexos. Assim é possível pensar em associações negativas com esta prática, como por exemplo, a atividade física excessiva - comportamento utilizado no controle de peso e muito frequente em indivíduos com TAs.

5.2.3 Prática de Atividades Físicas X Tipo de Escola

Quando comparada a distribuição percentual dos níveis de insatisfação entre praticantes e não praticantes de atividades físicas, os dados sugerem maior insatisfação corporal dentre os jovens não praticantes. Segundo dados expostos pela tabela 12, 13% dos praticantes e 20,7% dos não praticantes de atividades físicas das escolas da rede particular estão classificados em algum nível de insatisfação com a imagem corporal. Em contrapartida, constata-se 7,4% dos praticantes e 7,7% dos não praticantes das escolas da rede pública nesta mesma situação. Assim, constata-se que a insatisfação com o corpo associa-se ao sedentarismo principalmente entre os estudantes de escolas públicas.

A tabela a seguir demonstra essas informações:

Tabela 12: Distribuição dos percentuais em função da prática de atividades físicas e do tipo de escola

	Nenhuma preocupação com a IC	Leve preocupação com a IC	Moderada preocupação com a IC	Grave preocupação com a IC
Praticantes de AF escolas particulares (20,6% da amostra)	87	10,4	1,3	1,3
Não Praticantes de AF escolas particulares (15,5% da amostra)	79,3	8,6	10,3	1,7
Praticantes de AF escolas públicas (39,6% da amostra)	92,6	6,8	0,7	0
Não Praticantes de AF escolas públicas (24,3% da amostra)	92,3	5,5	1,1	1,1

Fonte: O autor (2009)

Contudo, chama atenção que dentre os alunos sedentários das escolas particulares, 12% atingem níveis elevados de insatisfação corporal. Já nas escolas públicas os níveis mais elevados de insatisfação são menores e mais equilibrados, independente da prática de atividades físicas. Assim, constata-se que a insatisfação com o corpo associa-se ao sedentarismo principalmente entre os estudantes de escolas particulares.

Os dados acima descritos demonstram que a variável tipo de escola é bastante influente nos níveis de preocupação com o corpo. Por conseguinte, ao enfatizar o corpo como cultural, ator e espectador de um contexto, é possível notar que a cultura em que estão inseridos é capaz de influenciar nos níveis de insatisfação desses jovens.

5.2.4 Prática de Atividades Físicas X Sexo X Tipo de Escola

Ao analisar-se a distribuição percentual segundo as variáveis prática de atividades físicas sexo e tipo de escola, percebe-se que os alunos da rede pública que buscam atividades físicas são menos insatisfeitos com o corpo do que aqueles da rede privada, sejam eles meninas ou meninos. A tabela 13 demonstra esses dados.

Tabela 13: Distribuição dos percentuais em função da prática de atividades físicas, sexo e tipo de escola

	Nenhuma preocupação com a IC	Leve preocupação com a IC	Moderada preocupação com a IC	Grave preocupação com a IC
Meninas Praticantes de AF escolas particulares (6,3% da amostra)	69,6	21,7	4,3	4,3
Meninos Praticantes de AF escolas particulares (14,4% da amostra)	94,3	5,7	0	0
Meninas Não Praticantes de AF escolas particulares (13,1% da amostra)	77,1	10,4	12,5	0
Meninos Não Praticantes de AF escolas particulares (2,7% da amostra)	90	0	0	10
Meninas Praticantes de AF escolas públicas (15,8% da amostra)	82,8	15,5	1,7	0
Meninos Praticantes de AF escolas públicas (23,2% da amostra)	98,8	1,2	0	0
Meninas Não Praticantes de AF escolas públicas (17,4% da amostra)	90,6	6,2	1,6	1,6
Meninos Não Praticantes de AF escolas públicas (7,1% da amostra)	96,2	3,8	0	0

Fonte: O autor (2009)

Dentre as meninas, os valores encontrados entre aquelas que estudam em escolas particulares são superiores: 30,4% de algum nível de insatisfação para praticantes de atividades físicas em escolas particulares (sendo 8,6% em níveis mais elevados de insatisfação); nas escolas públicas são 17,2%, sendo apenas 1,7% nos altos índices de insatisfação. Cumpre destacar que 4,3% das praticantes de atividades físicas da rede particular são **gravemente** preocupadas com seus corpos.

Dentre as alunas sedentárias, esses números são menores. Na rede particular, 22,9% das alunas sedentárias têm alguma insatisfação corporal (sendo 12,5% em níveis elevados) e na rede pública 9,4% das meninas estão insatisfeitas, sendo apenas 3,2% com maiores índices de insatisfação com o corpo.

Quadro diferente é percebido quando se trata dos meninos. O sedentarismo parece ser fator de aumento da insatisfação com o corpo. Sendo assim, dentre os praticantes das escolas particulares 5,7% possuem alguma insatisfação com o corpo enquanto que dentre os estudantes das escolas públicas que praticam atividades físicas este número é de apenas 1,2%. Já entre os sedentários, 10% dos alunos das escolas da rede particular possuem alguma insatisfação e 3,8% dos meninos da rede pública. Cumpre destacar que 10% dos alunos não praticantes de atividades físicas das escolas privadas são classificados como **gravemente** preocupados com suas imagens corporais.

Assim, é possível verificar através dos dados coletados no presente estudo que a prática de atividades físicas parece interferir nos níveis de insatisfação com a imagem corporal quando analisada junto à variável sexo e tipo de escola. Dessa forma, as meninas que aderem à prática de atividades físicas demonstram ser mais insatisfeitas com o corpo, independente do tipo de escola. O contrário é percebido quando se trata dos meninos, já que o sedentarismo parece ser fator de aumento da insatisfação com o corpo.

Ressalta-se que junto ao sedentarismo, a variável tipo de escola leva os meninos estudantes da rede particular a atingirem níveis bastante preocupantes

de preocupação com a imagem corporal. Segundo Di Pietro (2002), a classificação referente à **grave** preocupação com o corpo é comumente observada em indivíduos com Tas. Tendo como parâmetro a ocorrência desses transtornos em 1 a 4% da população, os números atingidos pelos meninos que não praticam atividades físicas e estudam em escolas particulares sugerem atenção (10% **gravemente** insatisfeitos com o corpo).

5.2.5 Sexo

Quando apenas a variável sexo é levada em consideração ao analisar a insatisfação corporal a partir da distribuição percentual dos escores, verifica-se que os meninos são menos insatisfeitos com o corpo do que as meninas (17,5% e 4,4%, meninas e meninos, respectivamente). A tabela 14 demonstra esta distribuição segundo o sexo dos entrevistados:

Tabela 14: Distribuição dos percentuais em função do sexo dos participantes

	Nenhuma preocupação com a IC	Leve preocupação com a IC	Moderada preocupação com a IC	Grave preocupação com a IC
Meninas (53,7% da amostra)	82,5	11,9	4,6	1,0
Meninos (46,3% da amostra)	96,6	2,8	0	0,6

Fonte: O autor (2009)

Os dados descritos acima concordam com aqueles encontrados durante a revisão de literatura a respeito da insatisfação corporal entre meninas e meninos. Segundo Graham et al (2000), esta insatisfação afeta de maneira diferente os dois sexos. Conti (2008) destaca que a insatisfação com o corpo é maior entre as meninas, que preferem corpos magros e esguios. Já entre os meninos essa preferência se dá por corpos grandes e musculosos.

Vilela *et al.* (2004) corroboram com esta afirmativa ao constatarem que as meninas são mais insatisfeitas que os meninos em estudo realizado em Belo Horizonte e no interior de Minas Gerais. Branco Hilário e Cintra (2006) em seu estudo sobre a satisfação corporal de jovens estudantes entre 14 e 19 anos da cidade de São Paulo, concordam e acrescentam, ao declararem que a percepção real das formas corporais é distorcida para ambos os sexos, já que nas meninas comumente ocorre superestimação e nos meninos, a subestimação do corpo real.

Estudos internacionais como os de Madrigal-Fritish *et al.* (1999) na população espanhola e Sisson *et al.* (1997) nos Estados Unidos também confirmam a tendência de maior insatisfação com o corpo dentre as meninas.

Através destas observações é possível destacar que a busca pelo padrão corporal determinado culturalmente é diretamente proporcional à insatisfação corporal, na medida em que este modelo de corpo mostra-se cada vez mais distante da maioria da população. Culturalmente, as garotas são mais estimuladas e cobradas a atingirem este padrão corporal pré-determinado, visto que elas sentem-se mais pressionadas a atingirem este padrão de corpo. Dessa forma, percebe-se um contexto em que cada vez mais distante do corpo “real” e “possível”, instala-se a insatisfação com suas imagens corporais.

5.2.6 Tipo de Escola

A análise segundo o tipo de escola demonstra que, os alunos das escolas públicas parecem ser menos insatisfeitos com sua aparência física do que os das escolas particulares. Ao observar a tabela 10, referente à distribuição percentual dos escores em função desta variável (tipo de escola), percebe-se que 16,2% dos alunos das escolas particulares estão classificados em algum nível de insatisfação. Em contrapartida, 7,4% dos alunos das escolas públicas encontram-se sob a mesma classificação. Cumpre ressaltar que 6,6% dos alunos da rede

particular encontram-se nos maiores níveis de preocupação com seu corpo, enquanto que entre os alunos da rede pública este número é de apenas 1,2%.

Tabela 15: Distribuição dos percentuais em função do tipo de escola dos participantes

	Nenhuma preocupação com a IC	Leve preocupação com a IC	Moderada preocupação com a IC	Grave preocupação com a IC
Escolas particulares (35% da amostra)	83,8	9,6	5,1	1,5
Escolas públicas (65% da amostra)	92,6	6,2	0,8	0,4

Fonte: O autor (2009)

Os dados desta pesquisa afirmam aqueles apresentados por Andrade et al (2007), ao verificarem maior prevalência de insatisfação com o corpo dentre os alunos da rede particular de ensino (70% e 65,56%, respectivamente).

Dessa forma, mais uma vez o contexto cultural é evidenciado como importante instrumento de influência nos níveis de insatisfação desses jovens. Observar maiores níveis de preocupação entre os alunos de escolas particulares nos remete a imaginar a possibilidade desses alunos estarem mais suscetíveis à busca incessante pelos padrões corporais - por vezes inatingíveis – difundidos e determinados por nossa cultura.

5.2.7 Sexo X Tipo de Escola

Ao analisar os dados em função da escola e do sexo dos participantes é possível observar uma influência direta destas variáveis sobre a insatisfação corporal.

Na tabela 11, fica clara a prevalência de maior insatisfação dentre as alunas de escolas particulares - com 25,4% de algum grau de preocupação. Seguidas pelas meninas das escolas públicas (com 13%), dos meninos da rede particular (com 6,2%) e os da rede pública (com apenas 1,8%).

Tabela 16: Distribuição dos percentuais em função do tipo de escola e sexo dos participantes

	Nenhuma preocupação com a IC	Leve preocupação com a IC	Moderada preocupação com a IC	Grave preocupação com a IC
Meninas escolas particulares (18,5% da amostra)	74,6	14,1	9,9	1,4
Meninos escolas particulares (16,4% da amostra)	93,8	4,7	0	1,6
Meninas escolas públicas (35,2% da amostra)	87	10,6	1,6	0,8
Meninos escolas públicas (29,9% da amostra)	98,2	1,8	0	0

Fonte: O autor (2009)

Chama atenção a classificação de 11,3% das alunas da rede particular nos maiores níveis de preocupação com a imagem corporal. Os dados sugerem que as meninas estão mais insatisfeitas que os meninos e que os níveis de insatisfação tendem a tornarem-se mais graves de acordo com o tipo de escola para os dois sexos.

Estes resultados são semelhantes aos encontrados por Andrade et al (2007), ao constatarem que entre as meninas, aquelas que estudam na rede privada de ensino apresentam um nível de insatisfação significativamente superior do que aquelas que estudam na rede pública (87,88% e 70,69%, respectivamente). Não foi observado por esses autores o mesmo entre os indivíduos do sexo masculino de ambos os tipos de escolas, já que os índices de insatisfação corporal foram bastante semelhantes (56,65% e 56,25%, escola particular e pública, respectivamente).

Resultado diferente do constatado no presente estudo foi encontrado por Alves et al (2008) ao verificarem que os alunos da rede pública de ensino estão mais insatisfeitos com o corpo e têm mais risco de apresentarem TAs do que os alunos da rede privada. Já Vilela et al. (2004), cuja amostra contou somente com alunos da rede pública, constataram um número bastante elevado de alunos com sintomas de anorexia nervosa (13,3%).

A partir dos dados expostos acima torna-se importante enfatizar a maior prevalência de insatisfação corporal dentre as alunas das escolas particulares. À medida que se entende que a cultura possui mecanismos através dos quais os

indivíduos direcionam seus comportamentos, é possível entender o uso do corpo pela e para a cultura enquanto objeto de transmissão de códigos culturais.

Ao entender a diferença com que os adolescentes dos diferentes sexos são cobrados a atingirem o padrão corporal determinado e privilegiado por nossa cultura, é possível compreender que esta relação mostra-se diretamente proporcional aos níveis de insatisfação com suas imagens corporais.

Embora a análise dos dados segundo a média e a distribuição percentual dos escores dos participantes esclareça algumas questões, para uma visão mais abrangente dos dados, considerou-se necessário um panorama holístico sobre as questões que tiveram média de escores maiores ou menores. A partir desta análise, será possível uma discussão mais aprofundada sobre um tema que possui características complexas e abrangentes.

5.3 RANKING DAS QUESTÕES DE MAIORES E MENORES MÉDIAS

Quando realizado o ranking das questões com maiores médias (ANEXO 3) percebeu-se que a questão de número 34 (“A preocupação com sua forma física leva você a sentir que deveria fazer exercícios?”) surgiu, em primeiro lugar, com a maior média em todos os cruzamentos realizados.

A segunda e terceira colocação foram alternadas, principalmente pelas questões de número 1 e 4 (“Sentir-se entediada(o) faz você se preocupar com sua forma física?” e “Você tem receio de que poderia engordar ou ficar mais gorda(o)?”, respectivamente).

Através do conteúdo tratado nessas questões foi possível perceber que o medo e a preocupação com o corpo são sentimentos frequentes entre os jovens pesquisados. Sentimentos dessa natureza são sugestivos de atenção, principalmente quando associados à insatisfação com o corpo, na medida em que esta associação é comumente observada em indivíduos com traços de TAs.

Ao observar neste ranking as questões com menores médias, verificou-se que as opções citadas coincidiram em todos os cruzamentos realizados. Aquelas classificadas em primeiro, segundo e terceiro lugar ocorreram em quase todos os casos, exceto no grupo de meninos das escolas particulares, correspondendo, respectivamente, aos números 32 (“Você já tomou laxantes para se sentir mais magra(o)?”), 26 (“Você já vomitou para se sentir mais magra(o)?”) e 27 (“Quando acompanhada(o), você se preocupa em estar ocupando muito espaço (por exemplo, sentada(o) num sofá ou no banco de um ônibus)?”).

O conteúdo tratado principalmente nas duas questões menos frequentes refere-se à atitudes extremas em relação ao corpo quando estabelecida a insatisfação com a imagem corporal. Essas atitudes são frequentes em indivíduos com transtornos alimentares.

Ainda objetivando uma visão mais abrangente do instrumento utilizado, buscou-se a análise da frequência relativa das respostas dos participantes por questão do BSQ. A partir desta análise, será possível realizar algumas considerações acerca das atitudes e sentimentos tratados através desta investigação, buscando um aprofundamento sobre as situações mais relevantes.

5.4 FREQUENCIA RELATIVA DAS RESPOSTAS DOS PARTICIPANTES POR QUESTÃO DO BSQ

Ao analisar as respostas dos participantes agrupando-as em maior (respostas 1,2 e 3) e menor (4,5 e 6) frequência (ANEXO 4), torna-se possível algumas afirmativas referentes a cada questão, tais como:

1. Um número relativamente baixo de meninos que estudam em escolas públicas associa pensamentos em torno da prática de atividades físicas ao tédio com maior frequência (10,6%). Entre os meninos da rede particular este número é maior (20,3%) e mais próximo ao das meninas dos dois tipos

de escola (23,6% e 21,1% das estudantes das escolas públicas e particulares, respectivamente);

2. Um número elevado de meninas preocupa-se com a forma física a ponto de pensar em fazer dieta com maior frequência, principalmente aquelas que estudam nas escolas particulares (50,7% e 34,1% das meninas escolas particulares e públicas, respectivamente). Esta preocupação também é elevada dentre os estudantes das escolas particulares (25%). Estes números parecem bastante discrepantes ao verificar as respostas dos meninos da rede pública, já que apenas 4,4% dos garotos o relatam.
3. As meninas sentem-se desproporcionais com maior frequência do que os meninos. Este comportamento tende a ser mais frequente entre as alunas da rede particular (12,7%) do que entre as estudantes da rede pública (9,8%). Entre os meninos, a frequência apresenta-se menor (7,8% dos alunos da rede particular e 4,5% da rede pública);
4. Um número bastante elevado de meninas declara sentir medo de engordar com frequência (59,2% das alunas das escolas particulares e 43,4% da pública). Comportamento observado com menor incidência entre os meninos (21,9% da rede particular e 11,5% da pública). Assim é possível afirmar que meninas admitem sentir medo de engordar com maior frequência que os meninos e este percentual se mostra maior nos alunos das escolas particulares;
5. Meninas – principalmente estudantes de escolas particulares - consideram que seus corpos não são suficientemente firmes com maior frequência (36,3% das alunas das escolas particulares e 27% das alunas das públicas. 9,4% dos meninos da rede particular e 9% da pública);
6. Um número elevado de meninas da rede particular preocupa-se em ter engordado com mais frequência após uma refeição (40,8%). Este número também é bastante alto entre as alunas da rede pública (29,5%). Entre os meninos este percentual se mostra maior nos alunos das escolas particulares (15,6% e 4,5% da pública);

7. 15,5% das meninas das escolas particulares e 11,5 % das meninas das escolas públicas declaram chorar com frequência por sua forma física. Este número é bem mais baixo entre os meninos 3,1% dos alunos da rede particular e 0,9% da pública;
8. 4,2% das meninas das escolas particulares e 2,4% da pública deixam de correr com frequência por receio de que seu corpo balance. Entre os meninos este número é mais baixo: 1,6% dos alunos da rede particular e 0,9% da pública;
9. 38,6% das meninas da rede particular e 22% da rede pública preocupam-se com seu corpo com maior frequência quando estão na presença de pessoas mais magras. Este número é menor entre os meninos: 14,1% das escolas particulares e 5,3% das públicas;
10. 15,5% das meninas e 4,7% dos meninos das escolas particulares, e 4,9% das meninas e 1,8% dos meninos das escolas públicas preocupam-se com frequência com o fato de suas coxas ocuparem muito espaço quando se sentam;
11. 12,9% das meninas da rede particular e 9,8% da rede pública declaram sentirem-se gordas com frequência mesmo após ingerirem uma pequena quantidade de alimento. Entre os meninos, apenas 6,2% descreve este comportamento com frequência e nenhum menino da rede pública o declara. Estes números sugerem atenção (principalmente aqueles referentes às meninas) na medida em que esta sensação pode ser sugestiva de traços de TAs;
12. 25% dos meninos e 35,2% das meninas das escolas particulares declaram sentem-se em desvantagem com frequência ao comparar-se com pessoas do mesmo sexo que o seu, enquanto nas escolas publicas estes números são bem menores, correspondendo a 10,6% e 19,5% respectivamente. Estes números são bastante elevados e demonstram que o ambiente sócio cultural – aqui examinado a partir do tipo de escola – tem influência direta nesse sentimento, tanto entre as meninas quanto entre os meninos;

13. A preocupação com a forma física parece não interferir na capacidade de concentração dos alunos, já que um número relativamente baixo dos alunos entrevistados tanto da rede particular (4,2% das meninas e 3,1% dos meninos) quanto da rede pública (3,5% das meninas e 0,8% dos meninos) a declaram com maior frequência;
14. Um número elevado de meninas das escolas particulares (28,6%) declara sentirem-se gordas com frequência ao estarem nuas. Este número é menor entre as meninas da rede pública (12,2%) e entre os meninos tanto da rede particular (4,7%) quanto da rede pública (1,8%);
15. Meninas das escolas particulares declaram evitar roupas justas com maior frequência (26,8%) afim de não sentirem-se desconfortáveis com sua forma física. Entre as alunas da rede pública este número é menor (13,8%), seguidas pelos meninos das escolas particulares (12,5%) e dos das escolas públicas (3,5%);
16. Meninas declaram pensar com frequência em remover partes do seu corpo (35,2% das escolas particulares e 19,5% das escolas públicas). Entre os meninos estes números são bem menores, correspondendo a 6,2% dos alunos das escolas particulares e 1,8% dos alunos das escolas públicas. Esses números sugerem atenção à medida que o número de cirurgias plásticas é crescente, principalmente entre adolescentes do sexo feminino. De acordo com dados da Sociedade Brasileira de Cirurgia Plástica (SBCEP), 15% das mais de 700 mil cirurgias realizadas no Brasil, são em adolescentes. Há 10 anos este índice era de 5%.
17. 23,9% das meninas das escolas particulares declaram sentirem-se gordas com frequência ao comerem guloseimas. Este número também é elevado entre as meninas das escolas públicas (12,2%) seguidas pelos meninos das escolas particulares (7,8%). Nas escolas públicas nenhum menino declarou a incidência desse sentimento com frequência. Estes números sugerem atenção (principalmente aqueles referentes às meninas das escolas particulares) na medida em que esta sensação pode ser sugestiva de traços de TAs;

18. Apesar da preocupação com a aparência física mostrar-se elevada e capaz de influenciar alguns sentimentos e atitudes dos jovens, um número relativamente baixo de meninos (3,1% dos estudantes das escolas particulares e nenhum aluno das públicas) e meninas (4,2% das alunas da rede particular e 4,9% das alunas da rede pública) declara deixar de participar de eventos sociais por sentirem-se mal com sua forma física;
19. As meninas os meninos da rede particular de ensino sentem com maior frequência que são muito grandes e arredondados (11,4% das meninas e 6,2% dos meninos). Este número é bem menor entre os alunos das escolas públicas (3,3% das garotas, e nenhum garoto);
20. Os alunos da rede particular (22,5% das meninas e 12,5% dos meninos) declaram sentir vergonha do seu corpo com maior frequência que os alunos da rede pública (7,4% das meninas e 4,5% dos meninos);
21. Um número elevado de meninas da rede particular (39,1%) faz dieta com frequência, frente a sua preocupação com a forma física. Este número é menor entre as meninas das escolas públicas (14,2%). Entre os garotos, 12,7% dos alunos das escolas particulares e apenas 1,8% das públicas assumem este comportamento com frequência;

Neste momento, abrir-se-á um parêntese para realçar esta questão do tópico 21, e, ao final, retomar-se-á a discussão por item do BSQ. A prática de dietas destaca-se como uma atitude bastante frequente, naturalizando-se entre os jovens. Percebe-se que permeia o imaginário dos adolescentes, instigando-os a esta prática, em especial as meninas. A relação estabelecida entre a imagem corporal e a prática de dietas é ressaltada por Friestad, Rise, (2004) que apontam uma imagem corporal negativa como fator preditor para tal atitude.

Cooper et al (1987) e Nunes et al, (2001) apontam que muitas mulheres fazem dieta e sentem-se insatisfeitas com o seu corpo mesmo quando não estão acima do peso normal. Este comportamento pode ser apreendido culturalmente e é observado no presente estudo na medida em que se observa um maior número de meninas que afirmam a prática de dietas frequente e que são insatisfeitas com

seu corpo. Esta relação confirma-se no presente estudo e ainda é evidenciada pelo contexto cultural, aqui examinado a partir do tipo de escola.

Dessa forma, percebe-se que assim como em relação à insatisfação corporal, a prática frequente de dietas é decrescente para a seguinte ordem: meninas escolas particulares, meninas escolas públicas, meninos escolas particulares e meninos escolas públicas. Os dados referentes à prática de dietas sugerem atenção à medida que, segundo Cicco et al (2006), esse tipo de prática pode ser considerado fator de risco para o desenvolvimento de TAs.

22. Um número elevado das meninas tanto da rede particular (42,3%), quanto da pública (25,4%) declaram sentirem-se mais felizes com seu corpo quando seus estômagos estão vazios. Este número também é bastante alto entre os meninos da rede particular (17,2%), que declaram também a incidência deste comportamento com maior frequência. Já entre os meninos das escolas públicas apenas 4,4% declaram esta sensação com frequência. Estes números sugerem atenção (principalmente aqueles referentes às meninas) na medida em que esta sensação pode ser sugestiva de traços de TAs;
23. Um número elevado de meninas da rede particular (29,6%) atribui sua forma física à falta de controle. Este número também é alto entre as meninas das escolas públicas (18,7%) e entre os meninos das escolas particulares (14,1%). Já entre os alunos das rede pública apenas 4,4% declaram este sentimento. Estes números sugerem atenção (principalmente aqueles referentes às meninas) na medida em que esta sensação pode ser sugestiva de traços de TAs, como por exemplo a compulsão alimentar;
24. Um número elevado de meninas tanto da rede particular (53,5%) quanto da pública (30,1%) declaram preocupar-se com frequência com o fato de que as pessoas vejam as dobras em sua cintura. Este número também é bastante alto entre os meninos, correspondendo a 15,6% dos das escolas particulares e 8% da pública;
25. Alunos de escolas particulares sentem-se injustiçados com maior frequência por pessoas do mesmo sexo serem mais magras (12,7% das

meninas e 6,2% dos meninos). Entre os alunos das escolas públicas estes números são bem menores: 5,7% 3,6% para meninas e meninos, respectivamente;

26. 4,2% das meninas das escolas particulares, 2,4% das meninas das escolas públicas e 1,6% dos meninos das escolas particulares declaram provocar vômito com maior frequência a fim de sentirem-se mais magros. Entretanto, nenhum menino das escolas públicas declarou este comportamento com frequência. Estes números podem ser considerados elevados, pois referem-se a incidência deste comportamento com maior frequência e merecem atenção a medida em que esta atitude pode ser sugestiva de traços de TAs, como por exemplo a bulimia;
27. Apesar da preocupação com a aparência física mostrar-se elevada e capaz de influenciar alguns sentimentos e atitudes dos jovens, um número relativamente baixo de meninos (1,6% das escolas particulares e 0,9% das públicas) e de meninas (2,8% das escolas particulares e 3,6% das públicas) declara preocuparem-se com frequência em ocupar muito espaço com seus corpos em situações do cotidiano;
28. Um número elevado das meninas tanto da rede particular (35,2%) quanto da pública (33,6%) declaram preocupar-se com frequência com o fato de estarem cheias de “dobras” e “banhas”. Entre os meninos esses números são bem menores, correspondendo a 9,4% dos alunos das escolas particulares e apenas 8% dos alunos das públicas;
29. Um número elevado de alunos declara sentirem-se mal com frequência ao verem seu corpo refletido, correspondendo a 15,4% das meninas e 10,9% dos meninos da rede particular e 15,5% das meninas e 8% dos meninos da rede pública;
30. Um número elevado das meninas tanto da rede particular (31%) quanto da pública (24,6%) declaram beliscar seu corpo com frequência para ver quanto há de gordura. Entre os meninos 12,5% dos alunos das escolas particulares e apenas 2,7% dos alunos das públicas assumem esta atitude;

31. Um número elevado de alunos – principalmente do sexo feminino - declara evitar situações em que as pessoas possam ver seu corpo, correspondendo a 33,8% das meninas e 9,4% dos meninos da rede particulares e 28,7% das meninas e 5,4% dos meninos da rede pública;

Os números apresentados nos itens 30 e 31 merecem atenção na medida em que comportamentos de evitação e checagem¹¹ (item 30 e 31, respectivamente) são comumente observados entre pessoas com TAs.

32. 5,6% das meninas e 1,5% dos meninos das escolas particulares e 2,5% das meninas das escolas públicas declaram tomar laxantes com frequência com o objetivo de sentirem-se mais magros. Apenas os meninos das escolas públicas declararam em totalidade não utilizarem esse método purgativo com fim de emagrecimento com frequência. Os números referentes às alunas das escolas particulares podem ser considerados elevados, pois referem-se a incidência deste comportamento com maior frequência e merecem atenção a medida em que esta atitude pode ser sugestiva de traços de TAs, como por exemplo a bulimia;

33. Os alunos e alunas das escolas particulares declaram sentirem-se mais preocupados com sua forma física com maior frequência quando acompanhados de outras pessoas (33,9% das meninas e 17,2% dos meninos das escolas particulares e 13% das meninas e 2,7% dos meninos das escolas da rede pública);

34. A maior parte das meninas entrevistadas declara sentir com maior frequência que deveriam fazer exercícios por conta de sua preocupação com a forma física, atingindo 50,4% nas escolas públicas e 66,2% nas particulares. Apesar disso, apenas 42% do total de entrevistadas o fazem. Entre meninos, os números referentes a essa preocupação são menores, com 31% dos entrevistados das escolas públicas e 37,5% dos alunos das

¹¹ Este termo é definido por Thompson et. al (1998) como a evitação de provocação de sensações, da relutância aos limites da forma do corpo, enfim, da exposição do corpo ao próprio olhar e ao olhar do outro, traduzindo uma profunda depreciação e insatisfação com o próprio corpo. Estes comportamentos podem ser observados neste estudo no instrumento utilizado nas questões de nº 08, 09, 12, 15, 18, 30 e 31.

particulares. Contudo, 79,8% do total de participantes aderem a prática de atividades físicas.

Os dados expostos pela análise da frequência das respostas dos participantes vêm (re)afirmar aqueles apresentados durante toda a análise de dados. Dessa forma, o contexto cultural é evidenciado como importante instrumento de influência nos níveis de insatisfação desses jovens. Ao compreender as questões relacionadas à Imagem Corporal como multifatoriais, tendo a cultura como componente deste constructo, afirma-se o corpo como um importante instrumento de transmissão dos códigos culturais.

Nota-se tanto na revisão bibliográfica quanto nos dados coletados que, existe uma imagem social do corpo, como destaca Schilder (1999), a qual se estabelece como imagens corporais para cada grupo. No caso dos adolescentes, este modelo de corpo almejado confirma-se como um corpo cada vez mais esguio para as meninas e cada vez mais musculoso para os meninos. (MADRIGAL-FRITISH et al, 1999; SISSON et al, 1997; VILELA et al, 2004; JACKSON, 2004; CONTI, 2008).

A adolescência representa um momento especial na vida do indivíduo. Dessa forma, a turbulência de transformações ocorridas neste período direciona esses jovens a testarem a possibilidade de se sentirem adultos e a ter poder de decisão e controle de si. Percebe-se, através dos resultados descritos e analisados, que esta necessidade de ter poder de decisão e controle sobre si mesmo é também uma busca por pertencer, por sentir-se incluído.

Este estudo demonstra que em meio a estas inúmeras transformações existem riscos, causados pela dificuldade em lidar com as mudanças de uma só vez. Isto torna-se evidente ao verificar-se que muitas dessas dificuldades têm origem no corpo, e atitudes associadas a impaciência e irresponsabilidade refletem-se sobre este mesmo corpo.

Cumprе destacar que os sentimentos e atitudes negativas em relação à imagem corporal, se relacionam com a insatisfação com o próprio corpo e tendem a aumentar o risco de desenvolvimento de transtornos da alimentação e dismorfismo corporal. É importante notar que esses sentimentos e atitudes,

admitidos pelos alunos, tendem a se normalizar e a se firmar em nossa cultura como práticas naturais.

A partir dos dados do presente estudo foi possível constatar que a insatisfação com a imagem corporal é influenciada pelas variáveis estudadas (prática de atividades físicas, sexo e tipo de escola). Ao verificar a prevalência de insatisfação corporal junto aos estudantes do Ensino Médio de Juiz de Fora notou-se que os níveis referentes à esta insatisfação mostraram-se próximos aqueles observados em populações não clínicas. Assim, a insatisfação com o corpo é mais prevalente entre as meninas que praticam exercícios físicos e que estudam em escolas particulares. Contudo, ressalta-se que entre os meninos que não praticam atividades físicas e estudam em escolas particulares seus níveis sugerem atenção (10% **gravemente** insatisfeitos com sua imagem corporal).

6. CONCLUSÃO

O presente estudo forneceu informações sobre atitudes e sentimentos relacionados ao corpo a partir da ótica dos adolescentes. Dessa maneira, pode-se perceber que a forma como os jovens relacionam-se com seus corpos tem influência direta em suas atitudes, muitas vezes chegando a ser extremas.

A insatisfação corporal é um fenômeno que se relaciona com as influências sócio-culturais, através da internalização do padrão estético vigente. Este modelo corporal confirma-se entre os adolescentes como um corpo cada vez mais esguio para as meninas e mais forte e musculoso para os meninos. Apesar de as mensagens culturais em relação ao corpo afetarem a todos, observou-se que dentre esses jovens, alguns parecem mais suscetíveis a esta influência.

A relação estabelecida entre a insatisfação com a imagem corporal e atitudes e sentimentos negativos e extremos é confirmada neste estudo e também evidenciada no contexto cultural. Sendo assim, verifica-se que os meninos mostram-se menos insatisfeitos e sujeitos a essas atitudes e sentimentos em relação aos seus corpos. Observa-se maior prevalência de insatisfação com a imagem corporal principalmente entre as meninas, em especial aquelas que estudam em escolas particulares (25,4%), quando comparadas às alunas das escolas públicas (13%) e aos meninos das escolas particulares (6,2%) e públicas (1,8%). O contexto cultural – aqui examinado a partir do tipo de escola – ressalta esta diferença. Percebe-se que, assim como entre as meninas, aqueles meninos que são alunos de escolas particulares atingem maiores níveis de insatisfação com a imagem corporal do que os que estudam em escolas públicas.

A insatisfação com o corpo também demonstra ter relação com a prática de atividades físicas. Quando se analisa de modo geral, os adolescentes sedentários mostram-se mais preocupados com seus corpos (12,8%) do que os praticantes de atividades físicas (9,3%). Porém, quando analisada junto à variável sexo, verificou-se que entre as meninas a prática de atividades físicas é motivo para o aumento da preocupação com a imagem corporal. Sendo assim, 21% das

praticantes e 15,7% das não praticantes de atividades físicas são insatisfeitas com seus corpos. Ressaltam-se níveis bastante preocupantes de insatisfação com a imagem corporal em alunos sedentários estudantes da rede particular (10% dos alunos gravemente insatisfeitos com seus corpos), atingindo níveis de insatisfação comumente observados em indivíduos com TAs.

À medida que se percebe a insatisfação corporal como a variável que apresenta maior risco para o desenvolvimento da sintomatologia alimentar verifica-se a importância de os estudos não restringirem-se ao diagnóstico dessa insatisfação.

Este estudo pretendeu ser apenas um primeiro passo na construção de políticas públicas capazes de contemplar esta questão. A partir dos dados analisados acerca da prevalência de insatisfação com a imagem corporal entre os adolescentes, será possível um maior aprofundamento e fundamentação de possibilidades de intervenção – sejam em atividades com os adolescentes, sejam na capacitação de profissionais que tratem sobre este tema.

Ao compreender a Educação Física enquanto prática social pedagógica, visualiza-se a possibilidade de intervenção, ampliando as relações dos alunos com o mundo. Nesse sentido, o professor de Educação Física, por estar diretamente relacionado ao movimento, deve atuar como um profissional capaz de incentivar a criticidade em relação a esses padrões aos quais todos estão expostos.

Sendo assim, o ambiente escolar deve favorecer um novo olhar para o corpo. Cabe, porém ressaltar, que para isto é necessário que estes profissionais busquem conhecer o constructo da imagem corporal em sua complexidade, pois somente a partir desta compreensão será possível romper barreiras enraizadas no modo de observar e atuar em relação ao ser humano.

Assim, sugere-se a elaboração de políticas públicas capazes de contemplar esta questão, para que realmente seja possível o desenvolvimento da autonomia de modo a flexibilizar as relações estabelecidas com o corpo aprendendo a conviver com as diferenças de maneira harmônica.

O trabalho realizado nos leva a repensar a cultura, que vem ditando normas em relação ao corpo, supervalorizando corpos estereotipados impostos pela mídia, corpos estes idealizados e, não raramente, inatingíveis.

Vale a pena destacar os dizeres de Charles Chaplin ao final do seu filme intitulado “O Grande Ditador” (1940):

O caminho da vida pode ser o da liberdade e da beleza, porém, desviamos-nos dele. A cobiça envenenou a alma dos homens, levantou no mundo as muralhas do ódio e tem-nos feito marchar a passo de ganso para a miséria e os morticínios. Criamos a época da produção veloz, mas nos sentimos enclausurados dentro dela. A máquina, que produz em grande escala, tem provocado a escassez. Nossos conhecimentos fizeram-nos céticos; nossa inteligência, empedernidos e cruéis. Pensamos em demasia e sentimos bem pouco. Mais do que máquinas, precisamos de humanidade; mais do que de inteligência, precisamos de afeição e doçura! Sem essas virtudes, a vida será de violência e tudo estará perdido.

Palavras tão atuais ditas por Chaplin em 1940 nos levam a perceber que somos, ao mesmo tempo, produto e produtores desta cultura. Este trabalho busca mais do que constatar fatos, seu objetivo é demonstrar através de um diagnóstico a necessária busca arqueológica das possíveis causas da busca desenfreada pelo corpo ideal hoje podemos chamar de “epidemia da beleza”, pois somente assim seremos capazes de construir alternativas para aceitarmos a diversidade e com ela podermos conviver harmonicamente.

REFERÊNCIAS

ABRAMO, H. **Cenas Juvenis: punks e darks no espetáculo urbano**. São Paulo: Scritta Editora Página Aberta, 1994.

ALVES E., et al. Prevalência de sintomas de anorexia nervosa e insatisfação com a imagem corporal entre adolescentes de Florianópolis, SC, Brasil. **Cad.Saúde Pública**. v. 24, n. 3, p. 503-512, 2008.

AMARAL, A.C.S.; et al. A Cultura do corpo ideal: nível de satisfação corporal entre escolares de diferentes faixas etárias - Estudo comparativo. **HU Revista (Juiz de Fora)**, v. 33, p. 41-45, 2007.

ANDRADE, C. D. de. Eu: etiqueta. In: _____. **Corpo**. Rio de Janeiro: Record, 1984.

ANDRADE, M.R.M.; et al. Prevalência de (in)satisfação corporal em escolares do ensino médio. In: I Seminário Nacional de Corpo e Cultura. Vitória: Universidade Federal do Espírito Santo, 2007. **Anais...** Vitória, 2007.

BALLONE, G. J. **Vigorexia Síndrome de Adônis**. Portal Psiquiatria Geral, 2002. [on line] Disponível em: <http://virtualpsy.locaweb.com.br/>.

BENNINGOVHOVEN D., et al. Body Image in patients with eating disorders and theirs mothers, and the role of family function. **Compr. Psyshiatry**, v. 48, p. 118-123, 2007.

BOSI, M.L.M.; LUIZ, R.R.; MORGADO, C.M.C. Autopercepção da imagem corporal entre estudantes de nutrição no Rio de Janeiro. **Jornal Brasileiro de Psiquiatria**, Rio de Janeiro, v. 55, n. 2, 2006.

BRANCO, L. M.; HILÁRIO, M. O. E; CINTRA, I. P. Percepção e satisfação corporal em adolescentes e a relação com seu estado nutricional. **Revista de Psiquiatria Clínica**, v. 33, n. 6, p. 292-296, 2006.

BUTTOM, E.; et al. Self esteem, eating problems and psychological well-being in a cohort of schoolgirls aged 15-16: A questionnaire and interview study. **Int J Eat Disord**, v. 21, p. 39-47, 1997.

CAMPANA, A.N.N.B. **Tradução, adaptação transcultural e validação do “Body Image Avoidance Questionnaire (BIAQ)” e do “Body Checking Questionnaire (BCQ)” para a língua portuguesa no Brasil**. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas. Campinas, SP: [s.n], 2007.

CARREIRA FILHO, D. **Jovens em busca do corpo perfeito**. 2004. [on line] Disponível em: <http://aprendiz.uol.com.br/content/meswejetre.mmp>. Acesso em: 03/03/07.

CARREIRA FILHO, D. **Prevalência do uso de substâncias químicas com objetivo de modelagem corporal entre adolescentes de 14 a 18 anos, de ambos os sexos, do município de São Caetano do Sul, São Paulo, Brasil, 2003**. Tese (Doutorado) Universidade Estadual de Campinas. Faculdade de Ciências médicas. Campinas, SP: [sn], 2005.

CASH, T. F. A “Negative Body Image”: Evaluating Epidemiological Evidence. In: CASH, T. F., PRUZINSKY, T. **Body Image: a handbook of theory, research & clinical practice**. Nova Iorque: Guilford Press, 2004b, p. 269-276.

CASH, T. F. Body Image and Social Relations. In: CASH, T., PRUZINSKY, T. **Body Image: a handbook of theory, research & clinical practice**. Nova Iorque: Guilford Press, 2004b, p. 269-276.

CASH, T. F. Cognitive-Behavioral Perspectives on Body Image. In: CASH, T., PRUZINSKY, T. **Body Image: a handbook of theory, research & clinical practice**. Nova Iorque: Guilford Press, 2004b, p. 38-46.

CASTRO, A.T. **Entendendo as pesquisas médicas**. 2004. [on line] Disponível em: http://www.projetockham.org/div_quem. Acesso em: 18/10/08.

CHIZZOTI, A. **Pesquisas em Ciências Humanas**. São Paulo: Cortez, 1991.

CICCO, M.F. et al. Imagem corporal, práticas de dietas e crenças alimentares em adolescentes e adultas. **Psicol. hosp. (São Paulo)** v.4, n.1, São Paulo, 2006.

COBELO, A. W. **Insatisfação com a imagem corporal e sintomas de transtorno alimentar, em mães adolescentes com transtorno alimentar**. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Medicina, Universidade de São Paulo. São Paulo, SP: [s.n], 2008.

CONTI M.A.; FRUTUOSO M.F.P.; GAMBARDELLA A.M.D. Excesso de peso e insatisfação corporal em adolescentes. **Rev Nutr.**, v. 18, n. 4, p. 491-497, 2005.

CONTI, M.A. **Imagem corporal e estado nutricional de estudantes de uma escola particular**. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Saúde Pública, Universidade de São Paulo. São Paulo: [s.n], 2002.

_____. Os aspectos que compõem o conceito de imagem corporal pela ótica do adolescente. **Rev Bras Crescimento Desenvolvimento Hum.** 2008.

COOPER, P. J. et al. The development and validation of the Body Shape Questionnaire. **Int J Eating Disord.**, New York, v. 6. p. 485-494, 1987.

DAOLIO, J. **Da cultura do corpo**. Campinas, SP: Papirus, 1995.

DAOLIO, J.; VELOZO, E.L. A Técnica Esportiva como Construção Cultural: implicações para a pedagogia do esporte. **Pensar a Prática (UFG)**, v. 11, p. 17-26, 2008.

DIAS, J.C.; FLEGNER, A.J.; SILVA, C.A.A. **Metodologia da Pesquisa Científica**. Ministério do Exército. DEP DEE – Centro de Capacitação Física do Exército e FSJ. Instituto de Pesquisa da Capacidade Física. [s.d.].

DI PIETRO, M.C. **Validade interna, dimensionalidade e desempenho da escala BSQ - “Body Shape Questionnaire” em uma população de estudantes universitários**. 2002. 36p. Dissertação (Mestrado Em Psiquiatria e Psicologia Médica) - Faculdade de Ciências Médicas, Universidade Federal de São Paulo, São Paulo, 2002.

DI PIETRO, M.; SILVEIRA, D.X. Internal validity, dimensionality and performance of the Body Shape Questionnaire in a group of Brazilian college students. **Rev. Bras. Psiquiatr.** v. 31, n.1, São Paulo, mar, 2009.

ECO, U. **História da Beleza**. Tradução: Eliana Aguiar. Rio de Janeiro: Record, 2007.

ECO, U. Rápida utopia. In: **Veja 25 anos: reflexões para o futuro**. São Paulo, Abril, 1993.

ESTATUTO DA CRIANÇA E DO ADOLESCENTE. [on line]. Disponível em: <http://www2.camara.gov.br/publicacoes/internet/publicacoes/estatutocrianca.pdf>. Acesso em: 18 jul.2007.

FARIA, L. Desenvolvimento do auto-conceito físico nas crianças e nos adolescentes. **Análise Psicológica**, v.23, n.4, p.361-371, 2005.

FEATHERSTONE, M. **Consumer culture and Postmodernism**. Londres: Sage, 1991.

FERNANDES, M. H. **Corpo**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2003.

FERRANDO, D. B.; et al. Eating attitudes and body satisfactions in adolescents: a prevalence study. **Actas Esp Psiquiatr**, v. 30, p. 207-212, 2002.

FERREIRA, A.; BERGAMIN, R.A.; GONZAGA, T.L. Correlação entre medidas antropométricas e aceitação pessoal da imagem corporal em bailarinas de dança moderna. **Movimento e Percepção**. v. 9, n. 12, 2008.

FERREIRA, M. E. C.; GUIMARÃES, M. **Educação inclusiva**. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

FERREIRA, M. E. C. **Imagem Corporal, autoestima e vaidade sob a perspectiva de deficientes visuais congênitos**. 2007. 195 f. Tese (Pós-Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007.

FERREIRA, P. P. **Sociologia da Imagem Corporal**. [s.d.] [on line]. Disponível em <http://www.geocities.com>. Acessado em 05/08/2006.

FISHER, S.; CLEVELAND, S. E. **Body Image and Personality**. New York: Dover Publications, 1968.

FISHER, S. The evolution of psychological concepts about the body. In: CASH, T.; PRUZINSKY, T. **Body Images: Development, Deviance and Change**. New York: The Guilford Press, 1990.

FOUCAULT, M. **A Arqueologia do Saber**. 7ª ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2007.

FREITAS, G. G. de. **O esquema corporal, a imagem corporal, a consciência corporal e a corporeidade**. 2. ed. Ijuí: Unijui, 2004.

FRIESTAD, C; RISE, J. A longitudinal study of the relationship between body image, self-esteem and dieting among 15-21 year olds in Norway. **European Eating Disorder Review**, v.12, n. 4, p. 247-255, 2004.

GARDNER, R. M. Body Image Assessment of Children. In: CASH, T.; PRUZINSKY, T. **Body Image: a handbook of theory, research & clinical practice**. Nova Iorque: Guilford Press, p. 65-73, 2004.

GARDNER, R. M.; FRIEDMAN, B. N.; JACKSON, N. A. Methodological concerns when using silhouettes to measure body image. **Percept Mot Skills**, p. 387- 395, 1998.

GARNER, D. M.; GARFINKEL, P. E. Body image in anorexia nervosa: Measurement theory and clinical implications, **International Journal of Psychiatry and Medicine**. v. 11, n. 3, p. 263-284, 1981.

GEERTZ, C. **A Interpretação das Culturas**. Rio de Janeiro: Guanabara, 1989.

GHAZAL, N.; et al. Prevalence of bulimia among secondary school students in Casablanca. **Encephale**. v. 27, p. 338-342, 2001.

GIDDENS, A. Os contornos da alta modernidade. In: **Identidade e Modernidade**. Rio de Janeiro. Jorge Zahar Editor, 2002.

_____. **The consequences of modernity**. Cambridge: Polity, 1990.

GOLDENBERG, M. **A arte de Pesquisar**. Rio de Janeiro/São Paulo: Record, 2001.

GRAHAM, M. A.; EICH, C.; KEPHART, B.; PETERSON, D. - Relationship among body image, sex and popularity of high school students. **Percept Mot Skills**. v. 90, p.1187-1193, 2000.

GRANDE Ditador, O. Direção: Charlie Chaplin. EUA: Continental, 1940. Vídeo (124 min.), VHS, son., color.

GUELAR, D.; CRISPO, R. Adolescência y transtornos del comer. Barcelona: **Gedisa**, p. 33-49, 2000.

HALL, S. **A identidade cultural na Pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira/Ministério da Educação. Censo escolar 2006. [on line]. Disponível em: <http://www.inep.gov.br/basica/censo/> . Acesso em 18/06/2008).

Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira/Ministério da Educação. [on line]. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/cidades/topowindow.htm>. Acesso em: 18/06/2008.

JACKSON, L. A. Physical Attractiveness: a Sociocultural Perspective . In: CASH,T.; PRUZINSKY,T. **Body Image**: a handbook of theory, research & clinical practice. Nova Iorque: Guilford Press, p. 13-21, 2004.

JONES, J.M.; et al. Disordered eating attitudes and behaviours in teenaged girls: a school-based study. **CMAJ**. v. 165, p. 547-552, 2001.

KOFES, S. “E sobre o corpo, não é o próprio corpo que fala? Ou o discurso desse corpo sobre o qual se fala”. In: BRHUNS, H. **Conversando sobre o corpo**. 2. ed. Campinas, SP: Papirus, 1989.

LE BRETON, D. **Anthropologie du corps et modernité**. Paris: PUF, 1993.

LEE, Y.H.; et al. Epidemiology of eating disordered symptoms in the Korean general population using a Korean version of the Eating Attitudes Test. **Eat Weight Disord**. v. 3, p. 153-161, 1998.

LUZ, M. Relações entre Adolescentes e a Sociedade: Instituição, Violência e Disciplina. Rio de Janeiro: **Série Estudos em Saúde Coletiva - IMS/UERJ**, v. 048, 1993.

LUZ, S. S. **Avaliação de sintomas de transtornos alimentares em universitários de Belo Horizonte** [Dissertação de Mestrado]. São Paulo: Faculdade de Ciências Farmacêuticas, Universidade de São Paulo; 2003.

MONTEIRO, C. A. Evolução nutricional da população brasileira. **Revista Saúde em Foco**, informe epidemiológico em saúde coletiva, v.18, 1999.

MADRIGAL-FRITSCH, H.; et al. Percepción de la imagen corporal como aproximación cualitativa al estado de nutrición. **Salud pública de México**, v.41, p. 479-486, 1999.

MALYSSE, S. Em busca dos (H) alteres-ego: Olhares franceses nos bastidores da corpolatria carioca. In: GOLDEMBERG, M. (org) **Nu e vestido: dez antropólogos revelam a cultura do corpo carioca**; tradução Fernanda Abreu. Rio de Janeiro: Record, 2002.

MARCONDES, D. A crise dos paradigmas e o surgimento da Modernidade. In: BRANDÃO, Z. (Org.) **A crise dos paradigmas e a educação**. São Paulo: Cortez, 2002.

MARQUES, A. C. P. R.; CRUZ, M. S. O adolescente e o uso de drogas. **Revista Brasileira de Psiquiatria**, São Paulo, v. 22, n. 2, p. 32-36, 2000.

MATARUNA, L. **Imagem Corporal: noções e definições**. 2004. [on line]. Disponível em <http://www.efdeportes.com>. Acessado em 06/08/2006.

MAUSS, M. **Sociologia e Antropologia**. Trad. Paulo Neves. São Paulo: Cosac & Naify, 2003.

MIRANDÉ, G.; CELADA, J.; CASAS, J. J. Prevalence of eating disorders in spanish scholl-age population. **J Adolesc Health**. v. 24, p. 212-219, 1999.

MORIN, E. A noção de Sujeito In: SCHNITMAN, D. F. (org). **Novos Paradigmas, Cultura e subjetividade**; tradução Jussara Haubert Rodrigues. Porto Alegre: Artes Médicas. p. 45-58, 1996.

NUNES, M. A.; et al. Influência da percepção do peso e do índice de massa corporal nos comportamentos alimentares anormais. **Rev Bras Psiquiatr** v. 23, p. 21-27, 2001.

ORGANIZACIÓN MUNDIAL DE LA SALUD (OMS). **Problemas de salud de la adolescência**. Generva, 1965. 29 p. (Série de Informes técnicos, Geneva).

OYEWUMI, L. K.; KAZARIAN, S.S. Abnormal eating attitudes among a group of Nigerian youths: I. Bulimic behaviour. **East Afr Med J.** v. 69, p. 663-666, 1992.

PAPALIA, D. E.; OLDS, S. W. **Desenvolvimento Humano.** 7.ed. Porto Alegre: Artmed, 2000.

PEREIRA, M. G. **Epidemiologia:** Teoria e Prática. Ed. Guanabara Koogan, Rio de Janeiro, 1995.

PETROSKI, E. L; VELHO, N. M; BEM, M. F. L. D. Idade de Menarca e Satisfação com o Peso Corporal. **Rev brás cineantropom desempenho hum**, v. 1, n. 1, p. 30-36, 1999.

PINHEIRO, A. P.; GIUGLIANI, E. R. J. Body dissatisfaction in Brazilian schoolchildren: prevalence and associated factors. **Rev. Saúde Pública** v.40, n.3, São Paulo, 2006.

PRIGOGINE, I. O fim da Ciência? In: SCHNITMAN, D. F. (org) (1996). **Novos Paradigmas, Cultura e Subjetividade**; tradução Jussara Haubert Rodrigues. Porto Alegre: Artes Médicas. p.25-44.

PRUZINSKY, T.; CASH, T. F. Understanding Body Image: Historical and Contemporary Perspective. In: CASH, T.; PRUZINSKY, T. **Body Image: a handbook of theory, research & clinical practice.** Nova Iorque: Guilford Press, p. 3-12, 2004.

RODRIGUES, J. C. **Tabu do corpo.** 2. ed. Rio de Janeiro: Achiamé, 1986.

RODRIGUES, R. Sociedade, corpo e interdições: contribuições do estudo de Marcel Mauss sobre as técnicas do corpo. **CONEXÕES**, Revista da Faculdade de Educação Física da UNICAMP, Campinas, v. 0, n. 4, 2000.

RODRIGUES, S.; CRUZ, S. Insatisfacción corporal en adolescentes latinoamericanas y españolas. **Psicothema.** v. 20, n. 1, p. 131-137, 2008.

ROSEN, D. S. Eating disorders in children and young adolescent: Etiology, classification, clinical features and treatment. **Adolesc. Med.**, v. 14, p. 49-59, 2003.

ROSEN, J. C.; OROSAN, P.; REITER, J. Cognitive behavior Therapy form negative Body Image in Obese Women. **Behavior Therapy**, v.26, p.25-42, 1995.

RUSSO, R. Imagem corporal: construção através da cultura do belo. **Movimento & Percepção**, São Paulo, v.5, n.6, jan./jun. 2005.

SANT'ANNA, D. B. Cuidados de si e embelezamento feminino: fragmentos para uma história do corpo no Brasil. In: SANT'ANNA, D. B. **Políticas do Corpo**. São Paulo: Estação Liberdade, p. 121-140, 1995.

SANT'ANNA, D. B. É possível realizar uma história do corpo? In: SOARES, C. L. (org.). **Corpo e História**. Campinas, SP: Autores Associados, 2001.

SANTOS, M. A aceleração contemporânea: tempo mundo e espaço mundo. In: SANTOS, M.; SOUZA, M. A. A.; SCARLATO, F. C.; ARROYO, M. (org.). **Fim de século e Globalização**. São Paulo: Editora Hucitec, 2ª ed, 1994.

SCAGLIUSI, F. B.; et al. Concurrent and discriminant validity of the Stunkard's figure rating scale adapted into portuguese. **Appetite**, v. 47, p. 77-82, 2006.

SCHILDER, P. **A imagem do corpo: as energias construtivas da psique**. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

SCHNITMAN, D. F. Ciência cultura e subjetividade. In: SHNITMAN, D. F. (org). **Novos paradigmas, cultura e subjetividade**. Trad. Jussara Haubert Rodrigues. Porto Alegre, RS: Artes Médicas, 1996.

SILVA, A. M. A expectativa de corpo e suas raízes paradoxais para a construção de uma nova cultura. In: **Corpo Ciência e Mercado**. Campinas: São Paulo. Autores Associados, 2001 p. 93-130

SILVA, R. C. R. ; MALINA, R. M. Nível de atividade física em adolescentes do município de Niterói, Rio de Janeiro, Brasil. **Cadernos de Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 16, n.4, 2000.

SILVA, R. F.; JÚNIOR, R. V.; MILLER, J. **Imagem corporal na perspectiva de Paul Schilder**. Contribuições para trabalhos corporais nas áreas de educação física, dança e pedagogia. 2004. [on line]. Disponível em <http://www.efdeportes.com>. Acessado em 18/07/2006.

SISSON, B. A.; et al. Bodyfat analysis and perception of body image. **Clin Pediat**, v. 36, p. 415-418, 1997.

SPSS v.16.0 for Windows (SPSS Inc., Chicago, Estados Unidos).

SOARES, C. L. Corpo, conhecimento e educação: notas esparsas. In: SOARES, C. L. (org.). **Corpo e História**. Campinas, SP: Autores Associados, 2001. p.109-130.

SOCIEDADE BRASILEIRA DE CIRURGIA PLÁSTICA. [on line]. Disponível em: <http://www.cirurgioplastica.org.br/publico/index.cfm>. Acesso em: 18 jul.2007.

Stats V1.1 Decision Analyst, Inc.

STICE, E.; et al. Body-Image and Eating Disturbances Predict Onset of Depression Among Female Adolescents. **J abnorm psychol, Boston**, v.109, n.3, p.438-444, 2000.

STEWART, T.; et al. Body morph assessment: preliminary report on the development of a computerized measure of body image. **Obesity Research**. v. 9, p.43-50, 2001.

STOER, S.; MAGALHÃES, A.; RODRIGUES, D. R. (org.). **Os Lugares da Exclusão Social - Um dispositivo de diferenciação pedagógica**. São Paulo: Cortez, 2004.

SZMUKLER, G. I. The epidemiology of anorexia nervosa and bulimia. **J Psychiatr Res**, v.19, p. 143-153, 1985.

TAVARES, M. C. G. C. F. **Imagem corporal: conceito e desenvolvimento**. Barueri, SP: Manole, 2003.

TAYLOR, M.; COOPER, T. L. Body size overestimation and depression. **Brit J Clin Psychol**, v. 25, p. 153-4, 1986.

TELES, M. L. S. **Psicodinâmica do Desenvolvimento Humano: Uma Introdução à Psicologia da Educação**. Petrópolis: Vozes, 2001.

THEANDER, S. Anorexia nervosa: a psychiatric investigation of 94 female case. **Acta Psychiatr Scand**, v. 214, p. 1-9, 1970.

THOMPSON, J. K; et al. **Exacting beauty: theory, assessment and treatment of body image disturbance**. Washington: APA, 1998.

THOMPSON, J. K. The (mis) measurement of Body Image: ten strategies to improve assessment for applied and research purposes. **Body Image**, v.1, p. 7-14, 2004.

THOMPSON, J. K.; VAN DEN BERG, P. Measuring Body Image Attitudes among Adolescents and Adults. In: CASH, T.; PRUZINSKY, T. **Body Image: a handbook of theory, research & clinical practice**. Nova Iorque: Guilford Press, p. 135-141, 2004.

TEIXEIRA, M. L. A adolescência, o adolescente, o pensamento forma e seus desdobramentos. **Revista Psicopedagogia**, Rio de Janeiro, v. 16, n. 42, 1997.

TEVES, N. A Imagem Corporal como fator de ressocialização de meninos de rua. In Congresso de Educação Física e Ciências do Desporto de Países de Língua Portuguesa. **Anais...** São Luiz: Universidade Federal do Maranhão (UFMA). Nov. 2002.

TRICHES, R. M.; GIUGLIANI, E. R. J. Insatisfação corporal em escolares de dois municípios da região Sul do Brasil. **Rev. Nutr.**, v. 20, n. 2, Campinas, 2007.

VIEIRA, J. L. L.; et al. Distúrbios de atitudes alimentares e sua relação com a distorção da auto-imagem corporal em atletas de judô do Estado do Paraná. **R. da Educação Física/UEM Maringá**. v. 17, n. 2, p. 177-184, 2006.

VILELA, J. E. M.; et al. Eating disorders in school children. **Jornal de Pediatria**, Porto Alegre, v. 80, n. 1, p. 49-54, 2004.

WILLI, J.; GROSSMAN, S. Epidemiology of anorexia nervosa in a defined region of Switzerland. **Am J Psychiatry**, v. 140, p. 564-567, 1983.

WLODARCZYK-BISAGA, K.; DOLAN, B. A two-stage epidemiological study of abnormal eating attitudes and their prospective risk factors in polish schoolgirls. **Psychol Med**, v. 26, p. 1021-1032, 1996.

ZAGURY, T. **O Adolescente por Ele Mesmo**. Rio de Janeiro: Editora Record, 1996.

ANEXOS

SRE	SRE JUIZ DE FORA	3870	JUIZ DE FORA	8888	INST DE LATICINIOS CANDIDO TOSTES	Estadual	R TEN LUIZ DE FREITAS	116	STA TEREZINHA	3904590	32	32243116	0	0	7	0	0	0	0	15	0	22
SRE	SRE JUIZ DE FORA	3870	JUIZ DE FORA	8841	EE DOM ORIONE	Estadual	ESTR DOM BOSCO	0	DOM BOSCO	3903830	32	32321141	21	18	12	0	17	13	12	0	91	
SRE	SRE JUIZ DE FORA	3870	JUIZ DE FORA	8808	EE DEB OLAVO COSTA	Estadual	R MARIA GERALDA DE FREITAS	0	MONT CASTELO	3904180	32	32214285	34	17	12	0	24	24	18	0	129	
SRE	SRE JUIZ DE FORA	3870	JUIZ DE FORA	8853	EE SAO VICENTE DE PAULO	Estadual	R MARGARIDA DE LIMA	200	BORBOLETA	3903540	32	32135962	31	22	10	0	36	28	17	0	142	
SRE	SRE JUIZ DE FORA	3870	JUIZ DE FORA	8845	EE PROF TEGODORO COELHO	Estadual	R ANTONIO ARMANDO PEREIRA	51	JOQUEI CLUBE	3904370	32	32134086	28	15	18	0	41	22	24	0	146	
SRE	SRE JUIZ DE FORA	3870	JUIZ DE FORA	8713	EE MARIA L YDIA RESENDE ANDRADE	Estadual	R FURTADO DE MENEZES	16	FURTADO DE MENEZES	39020410	32	32352833	39	41	18	0	37	35	20	0	190	
SRE	SRE JUIZ DE FORA	3870	JUIZ DE FORA	8349	EE ALI HAUFELD	Estadual	PCA DE JUR GARCIA	35	N SPA DE LOURES	3907980	32	32359225	49	32	32	0	33	33	21	0	200	
SRE	SRE JUIZ DE FORA	3870	JUIZ DE FORA	8772	EE PROF CANDIDO MOTA FILHO	Estadual	R SAO JOSE	800	SAO BENEDITO	3904150	32	32127193	40	28	34	0	53	34	47	0	234	
SRE	SRE JUIZ DE FORA	3870	JUIZ DE FORA	8373	EE FRANCISCO BERNARDINO	Estadual	R SERGIPE	0	MANOEL HONORIO	3904580	32	32159803	71	33	39	0	48	43	37	0	289	
SRE	SRE JUIZ DE FORA	3870	JUIZ DE FORA	8454	EE HENRIQUE BURNIER	Estadual	R OSONIO DE ALMEIDA	978	POCO RIO	3902020	32	32175515	51	45	49	0	57	41	42	0	282	
SRE	SRE JUIZ DE FORA	3870	JUIZ DE FORA	8891	EE MARIA DE MAGALHAES PINTO	Estadual	R JOSE NUNES LEAL	70	STA LUZIA	3905230	32	32134175	59	23	23	0	69	63	48	0	285	
SRE	SRE JUIZ DE FORA	3870	JUIZ DE FORA	8624	EE EDUARDO COSTA CRUZ	Estadual	R JOSE ANTONIO BENHAME	135	PROGRESSO	3905030	31	32283098	58	50	32	0	48	58	48	0	292	
SRE	SRE JUIZ DE FORA	3870	JUIZ DE FORA	8875	EE MARIA ELBA BRAGA	Estadual	R DIVA GARCIA	2171	LINHARES	3906930	32	32131143	71	36	27	0	78	50	40	0	300	
SRE	SRE JUIZ DE FORA	3870	JUIZ DE FORA	8799	EE PROF JOSE FREIRE	Estadual	R EDGARDO DE PAIVA AGUIAR	155	CERAMICA	3908290	32	32214055	68	29	38	0	75	49	47	0	306	
SRE	SRE JUIZ DE FORA	3870	JUIZ DE FORA	8798	EE PE FREDERICO WIENKEN S V D	Estadual	R NUNES LIMA	390	INDUSTRIAL	3904130	32	32118955	60	48	40	0	87	55	37	0	307	
SRE	SRE JUIZ DE FORA	3870	JUIZ DE FORA	8411	EE GOV JUSCELINO KUBITSCHEK	Estadual	R CARLOS ALVES	133	BONFIM	3905700	32	32127707	87	60	32	0	82	59	45	0	322	
SRE	SRE JUIZ DE FORA	3870	JUIZ DE FORA	8798	EE PE FREDERICO WIENKEN S V D	Estadual	R RZELIA LIMA GUERES	0	STA LUZIA	39030110	32	32345072	70	52	28	0	85	59	31	0	323	
SRE	SRE JUIZ DE FORA	3870	JUIZ DE FORA	8331	COL TRADENTES PIMM	Estadual	R TEN LUIZ DE FREITAS	0	STA TEREZINHA	3904580	32	32298178	48	47	40	0	72	65	52	0	325	
SRE	SRE JUIZ DE FORA	3870	JUIZ DE FORA	8497	EE FERNANDO LOBO	Estadual	R SAO MATEUS	784	SAO MATEUS	39025001	32	32324233	55	50	34	0	73	68	50	0	330	
SRE	SRE JUIZ DE FORA	3870	JUIZ DE FORA	8705	EE HERMENEGILDO VILACA	Estadual	R RIO DE ANIERO	120	GRAMA	39048300	32	32247353	66	58	45	0	97	89	67	0	402	
SRE	SRE JUIZ DE FORA	3870	JUIZ DE FORA	8458	EE DIQUE DE CAIXAS	Estadual	R AV BARAO DO RIO BRANCO	3310	CENTRO	3903930	32	32122992	90	87	50	0	73	70	63	0	433	
SRE	SRE JUIZ DE FORA	3870	JUIZ DE FORA	8471	EE ESTIVAO DE OLIVEIRA	Estadual	R ESPRITO SANTO	1023	CENTRO	3901041	32	32173733	121	85	45	0	119	91	82	0	503	
SRE	SRE JUIZ DE FORA	3870	JUIZ DE FORA	8420	EE MAL MASCARENHAS DE MORAES	Estadual	R PROFRA NOEMIA MENDONCA	0	TEREIRAS	39032750	32	32323988	96	65	69	0	105	90	79	0	504	
SRE	SRE JUIZ DE FORA	3870	JUIZ DE FORA	8543	EE ANTONIO CARLOS	Estadual	AV CEL VIDAL	0	MARIANO PROCORIO	3900080	32	32159733	138	95	57	0	181	84	69	0	604	
SRE	SRE JUIZ DE FORA	3870	JUIZ DE FORA	8802	EE CLORINDO BURNIER	Estadual	R CABO RAUL JOSE MARIA	0	BARBOSA LAGE	3906530	32	32216227	129	97	69	0	123	123	93	0	634	
SRE	SRE JUIZ DE FORA	3870	JUIZ DE FORA	8442	EE PROF JOSE SAINT CLAIR M ALVES	Estadual	R DE ANTONIO MOURAO GUIMARAES	60	STA CRUZ	39008280	32	32222241	146	106	76	0	182	128	91	0	709	
SRE	SRE JUIZ DE FORA	3870	JUIZ DE FORA	8784	EE BATISTA DE OLIVEIRA	Estadual	AV SETE DE SETEMBRO	64	COSTA CARVALHO	3907000	32	32125138	171	102	103	0	150	137	82	0	745	
SRE	SRE JUIZ DE FORA	3870	JUIZ DE FORA	8391	EE PREG COSTA SILVA	Estadual	R AFONSO GARCIA	0	BENFICA	3909040	32	32221955	185	117	82	0	187	123	118	0	792	
SRE	SRE JUIZ DE FORA	3870	JUIZ DE FORA	8391	EE SEBASTIAO PATRUS DE SOUSA	Estadual	R OUIO PRETO	373	STA TEREZINHA	3904350	32	32243304	188	198	131	0	202	148	118	0	846	
SRE	SRE JUIZ DE FORA	3870	JUIZ DE FORA	8388	EE DELMA MOREIRA	Estadual	AV BARAO DO RIO BRANCO	2437	CENTRO	39010011	32	32182488	184	181	111	0	212	213	181	0	1072	
SRE	SRE JUIZ DE FORA	3870	JUIZ DE FORA	8335	INST EST DE EDUC DE JUIZ DE FORA	Estadual	AV GETULIO VARGAS	0	CENTRO	39010110	32	32196039	280	205	152	0	375	331	283	59	1865	

ANEXO 2



Pesquisa Científica: A Cultura do Corpo Ideal
Laboratório de Estudos do Corpo – LABESC/UFJF

Idade: _____

Estuda em escola: () Particular () Pública

Série: _____

Você pratica exercícios regularmente? () não () sim

Responda as questões abaixo em relação à sua aparência nas últimas 4 semanas. Usando a seguinte legenda:

1. Nunca	3. Às vezes	5. Muito freqüentemente
2. Raramente	4. Freqüentemente	6. Sempre

1. Sentir-se entediada(o) faz você se preocupar com sua forma física?	1	2	3	4	5	6
2. Sua preocupação com sua forma física chega ao ponto de sentir que deveria fazer uma dieta?	1	2	3	4	5	6
3. Já lhe ocorreu que suas coxas, quadril ou nádegas são grandes demais para o restante do seu corpo?	1	2	3	4	5	6
4. Você tem receio de que poderia engordar ou ficar mais gorda(o)?	1	2	3	4	5	6
5. Você anda preocupada(o) achando que seu corpo não é firme o suficiente?	1	2	3	4	5	6
6. Ao ingerir uma refeição completa e sentir o estômago cheio, você se preocupa em ter engordado?	1	2	3	4	5	6
7. Você já se sentiu tão mal com sua forma física a ponto de chorar?	1	2	3	4	5	6
8. Você deixou de correr por achar que seu corpo poderia balançar?	1	2	3	4	5	6
9. Estar com pessoas magras do mesmo sexo que você faz você reparar em sua forma física?	1	2	3	4	5	6

10. Você já se preocupou com o fato de suas coxas poderem ocupar muito espaço quando você senta?	1	2	3	4	5	6
11. Você já se sentiu gorda(o) mesmo após ingerir uma pequena quantidade de alimento?	1	2	3	4	5	6
12. Você tem reparado na forma física de outras pessoas do mesmo sexo que o seu e, ao se comparar, tem se sentido em desvantagem?	1	2	3	4	5	6
13. Pensar na sua forma física interfere em sua capacidade de se concentrar em outras atividades (como, por exemplo, assistir televisão, ler ou acompanhar uma conversa)?	1	2	3	4	5	6
14. Ao estar nua (nu), por exemplo, ao tomar banho, você se sente gorda(o)?	1	2	3	4	5	6
15. Você tem evitado usar roupas para não se sentir desconfortável com sua forma física?	1	2	3	4	5	6
16. Você se pegou pensando em remover partes mais carnudas de seu corpo?	1	2	3	4	5	6
17. Comer doce, bolos ou outros alimentos ricos em calorias faz você se sentir gorda(o)?	1	2	3	4	5	6
18. Você deixou de participar de eventos sociais (como, por exemplo, festas) por se sentir mal com relação à sua forma física?	1	2	3	4	5	6
19. Você se sente muito grande e arredondada(o)?	1	2	3	4	5	6
20. Você sente vergonha do seu corpo?	1	2	3	4	5	6
21. A preocupação frente a sua forma física a(o) leva a fazer dieta?	1	2	3	4	5	6
22. Você se sente mais contente em relação à sua forma física quando seu estômago está vazio (por exemplo, pela manhã)?	1	2	3	4	5	6
23. Você acredita que sua forma física se deva à sua falta de controle?	1	2	3	4	5	6
24. Você se preocupa que outras pessoas vejam dobras na sua cintura ou estômago?	1	2	3	4	5	6
25. Você acha injusto que as outras pessoas do mesmo sexo que o seu sejam mais magras do que	1	2	3	4	5	6

você?						
26. Você já vomitou para se sentir mais magra(o)?	1	2	3	4	5	6
27. Quando acompanhada(o), você fica preocupada em estar ocupando muito espaço (por exemplo, sentada(o) num sofá ou no banco de um ônibus)?	1	2	3	4	5	6
28. Você se preocupa com o fato de estar ficando cheia de “dobras” ou “banhas”?	1	2	3	4	5	6
29. Ver seu reflexo (por exemplo, num espelho ou na vitrine de uma loja) faz você sentir-se mal em relação ao seu físico?	1	2	3	4	5	6
30. Você belisca áreas de seu corpo para ver o quanto há de gordura?	1	2	3	4	5	6
31. Você evita situações nas quais as pessoas possam ver seu corpo (por exemplo, vestiários ou banheiros)?	1	2	3	4	5	6
32. Você já tomou laxantes para se sentir mais magra(o)?	1	2	3	4	5	6
33. Você fica mais preocupada(o) com sua forma física quando em companhia de outras pessoas?	1	2	3	4	5	6
34. A preocupação com sua forma física leva você a sentir que deveria fazer exercícios?	1	2	3	4	5	6

Fonte: Di Pietro (2002)

ANEXO 3

TABELA 17
RANKING DAS QUESTOES COM MAIORES E MENORES MÉDIAS

	MAIORES MÉDIAS						MENORES MÉDIAS					
	1ª		2ª		3ª		1ª		2ª		3ª	
	Nº	média	Nº	média	Nº	média	Nº	média	Nº	média	Nº	Média
Geral	34	3,49 ±1,987	4	3,02 ±1,857	1	2,77 ±1,483	32	1,13 ±0,703	26	1,14 ±0,696	27	1,21 ±0,734
Meninas	34	3,96 ±1,960	4	3,72 ±1,828	2	3,35 ±1,863	32	1,21 ±0,891	26	1,22 ±0,880	27	1,28 ±0,871
Meninos	34	2,99 ±1,899	1	2,54 ±1,418	4	2,28 ±1,609	32	1,05 ±0,418	26	1,05 ±0,412	27	1,13 ±0,554
Escolas Públicas	34	3,34 ±2,017	4	2,79 ±1,805	1	2,78 ±1,510	32	1,08 ±0,527	26	1,09 ±0,559	27	1,15 ±0,707
Escolas Particulares	34	2,91 ±1,883	1	2,43 ±1,362	12	2,11 ±1,242	32	1,22 ±0,932	26	1,22 ±0,887	27	1,30 ±0,773
Escolas públicas Meninas	34	3,76 ±2,062	4	3,48 ±1,833	2	3,07 ±1,874	32	1,14 ±0,708	26	1,15 ±0,754	27	1,23 ±0,864
Escolas públicas Meninos	34	2,91 ±1,883	1	2,43 ±1,362	12	2,11 ±1,242	32	1,03 ±0,211	26	1,03 ±0,210	27	1,07 ±0,495
Escolas particulares Meninas	34	4,31 ±1,729	4	4,11 ±1,761	2	3,82 ±1,759	32	1,34 ±1,33	26	1,35 ±1,057	27	1,37 ±1,37
Escolas particulares Meninos	34	3,14 ±1,034	1	2,72 ±1,506	4	2,70 ±1,734	26	1,08 ±0,630	32	1,09 ±0,635	27	1,23 ±0,636

Fonte: o autor (2009)

ANEXO 4

TABELA 18
FREQUENCIA RELATIVA DAS RESPOSTAS DADA PELOS PARTICIPANTES POR QUESTÃO
DO BSQ

Questão n°	Frequência das respostas	Meninas Escola Pública	Meninos Escola Pública	Meninas Escola Particular	Meninos Escola Particular
1	Menor frequência	76,4%	89,4%	78,9%	79,7%
	Maior frequência	23,6%	10,6%	21,1%	20,3%
2	Menor frequência	65,9%	95,6%	49,3%	75%
	Maior frequência	34,1%	4,4%	50,7%	25%
3	Menor frequência	90,2%	95,5%	87,3%	92,2%
	Maior frequência	9,8%	4,5%	12,7%	7,8%
4	Menor frequência	56,6%	88,5%	40,8%	78,1%
	Maior frequência	43,4%	11,5%	59,2%	21,9%
5	Menor frequência	73%	91%	63,4%	90,6%
	Maior frequência	27%	9%	36,3%	9,4%
6	Menor frequência	70,5%	96,5%	59,2%	84,4%
	Maior frequência	29,5%	4,5%	40,8%	15,6%
7	Menor frequência	88,5%	99,1%	84,5%	96,9%
	Maior frequência	11,5%	0,9%	15,5%	3,1%
8	Menor frequência	97,6%	99,1%	95,8%	98,4%
	Maior frequência	2,4%	0,9%	4,2%	1,6%
9	Menor frequência	78%	94,7%	61,4%	85,9%
	Maior frequência	22%	5,3%	38,6%	14,1%
10	Menor frequência	95,1%	98,2%	84,5%	95,3%
	Maior frequência	4,9%	1,8%	15,5%	4,7%
11	Menor frequência	90,2%	100%	87,1%	93,8%
	Maior frequência	9,8%		12,9%	6,2%
12	Menor frequência	80,5%	89,4%	64,8%	75%
	Maior frequência	19,5%	10,6%	35,2%	25%
13	Menor frequência	99,2%	96,5%	95,8%	96,9%
	Maior frequência	0,8%	3,5%	4,2%	3,1%
14	Menor frequência	87,8%	98,2%	71,4%	95,3%
	Maior frequência	12,2%	1,8%	28,6%	4,7%
15	Menor frequência	86,2%	96,5%	73,2%	87,5%
	Maior frequência	13,8%	3,5%	26,8%	12,5%
16	Menor frequência	80,5%	98,2%	64,8%	93,8%
	Maior frequência	19,5%	1,8%	35,2%	6,2%
17	Menor frequência	87,8%	100%	76,1%	92,2%
	Maior frequência	12,2%		23,9%	7,8%
18	Menor frequência	95,1%	100%	95,8%	96,9%
	Maior frequência	4,9%		4,2%	3,1%
19	Menor frequência	96,7%	100%	88,6%	93,8%
	Maior frequência	3,3%		11,4%	6,2%
20	Menor frequência	92,6%	95,5%	77,5%	87,5%
	Maior frequência	7,4%	4,5%	22,5%	12,5%
21	Menor frequência	85,8%	98,2%	60,9%	87,3%
	Maior frequência	14,2%	1,8%	39,1%	12,7%
22	Menor frequência	74,6%	95,6%	57,7%	82,8%
	Maior frequência	25,4%	4,4%	42,3%	17,2%

23	Menor freqüência	81,3%	95,6%	70,4%	85,9%
	Maior freqüência	18,7%	4,4%	29,6%	14,1%
24	Menor freqüência	69,9%	92%	46,5%	84,4%
	Maior freqüência	30,1%	8%	53,5%	15,6%
25	Menor freqüência	94,3%	96,4%	87,3%	93,8%
	Maior freqüência	5,7%	3,6%	12,7%	6,2%
26	Menor freqüência	97,6%	100%	95,8%	98,4%
	Maior freqüência	2,4%		4,2%	1,6%
27	Menor freqüência	96,7%	99,1%	97,2%	98,4%
	Maior freqüência	3,6%	0,9%	2,8%	1,6%
28	Menor freqüência	66,4%	92%	64,8%	90,6%
	Maior freqüência	33,6%	8%	35,2%	9,4%
29	Menor freqüência	84,6%	97,3%	84,5%	89,1%
	Maior freqüência	15,4%	2,7%	15,5%	10,9%
30	Menor freqüência	75,4%	97,3%	69%	87,5%
	Maior freqüência	24,6%	2,7%	31%	12,5%
31	Menor freqüência	71,3%	94,6%	66,2%	90,6
	Maior freqüência	28,7%	5,4%	33,8%	9,4%
32	Menor freqüência	97,5%	100%	94,4%	98,4%
	Maior freqüência	2,5%		5,6%	1,6%
33	Menor freqüência	87%	97,3%	76,1%	82,8%
	Maior freqüência	13%	2,7%	33,9%	17,2%
34	Menor freqüência	49,6%	69%	33,8%	62,5%
	Maior freqüência	50,4%	31%	66,2%	37,5%

Fonte: o autor (2009)